

ANDRÉ CESAR PEREIRA

**JACQUES FERRON: O DRAMATURGO DE UM PAÍS
INCERTO (O QUEBEC)**

**PORTO ALEGRE
2012**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
ÁREA: ESTUDOS DE LITERATURA
ESPECIALIDADE: LITERATURAS ESTRANGEIRAS MODERNAS**

**JACQUES FERRON: O DRAMATURGO DE UM PAÍS
INCERTO (O QUEBEC)**

ANDRÉ CESAR PEREIRA

ORIENTADORA: PROFa. DRa. ZILÁ BERND

Dissertação de Mestrado em Literaturas Estrangeiras Modernas, apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Estudos de Literatura pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

**PORTO ALEGRE
2012**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
ÁREA: ESTUDOS DE LITERATURA
ESPECIALIDADE: LITERATURAS ESTRANGEIRAS MODERNAS**

**JACQUES FERRON: O DRAMATURGO DE UM PAÍS
INCERTO (O QUEBEC)**

ANDRÉ CESAR PEREIRA

ORIENTADORA: PROFa. DRa. ZILÁ BERND

Dissertação de Mestrado em
Literaturas Estrangeiras
Modernas, apresentada como
requisito parcial para a obtenção
do título de Mestre em Estudos
de Literatura pelo Programa de
Pós-Graduação em Letras da
Universidade Federal do Rio
Grande do Sul.

**PORTO ALEGRE
2012**

ANDRÉ CESAR PEREIRA

**JACQUES FERRON: O DRAMATURGO DE UM PAÍS
INCERTO (O QUEBEC)**

Dissertação de Mestrado em
Literaturas Estrangeiras
Modernas, apresentada como
requisito parcial para a obtenção
do título de Mestre em Estudos
de Literatura pelo Programa de
Pós-Graduação em Letras da
Universidade Federal do Rio
Grande do Sul.

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª Dr^ª Beatriz Cerisara Gil - UFRGS

Prof^ª Dr^ª Sylvie Dion – FURG

Prof^ª Dr^ª Ana Maria Lisboa de Mello – PUCRS

Às mulheres da minha vida,
minha mãe, minhas irmãs e minha esposa,
por me proporcionarem felicidade e
por serem a minha inspiração.

AGRADECIMENTOS

A minha mãe, por ser um exemplo de perseverança e força, por me apoiar e por sempre estar de braços abertos a me esperar.

A minhas irmãs, Liliane, Viviane, Jéssica e Dominique, pelas conversas, pelos abraços e pelos sorrisos que tanto me alegram e me fazem lutar cada vez mais pelos meus objetivos.

À Monissa, por enfrentar comigo a batalha que é a vida, pela paciência, pelo carinho e pelo amor dedicados a mim a todo o momento.

Aos amigos, por sempre tornarem a vida mais alegre, pelos momentos de descontração e pela troca de ideias.

A minha orientadora, Prof^ª Dr^ª Zilá Bernd, quem foi uma inspiração para o trabalho voltado à literatura, desde a época da Iniciação Científica. Meus sinceros agradecimentos por todo auxílio na realização deste trabalho, por toda atenção dedicada a mim e por ser uma professora extremamente competente, um exemplo de dedicação e seriedade.

RESUMO

O Quebec ganha cada vez mais importância em âmbito mundial, em termos econômicos, sociais e culturais. No Brasil desenvolvem-se vários trabalhos voltados à história e à cultura quebequenses no intuito de compreender as transformações dessa região francófona na América. Nosso trabalho vem ampliar esses estudos com a análise de textos produzidos nos anos 50, período que antecede um importante momento de desenvolvimento social e cultural dessa sociedade: a Revolução Tranquila. Para compreendermos as mudanças ocorridas com essa revolução, observamos os sentimentos que a antecederam, nos baseando, para isso, em uma literatura ainda não denominada quebequense. Com o intuito de realizar essa análise, utilizamos como material de pesquisa duas peças teatrais do escritor Jacques Ferron, produzidas antes da Revolução Tranquila – momento que marca o ponto de partida para a valorização das especificidades do Canadá de língua francesa. Justificamos a escolha desse autor por seu importante trabalho voltado à compreensão do Quebec; além disso, as peças selecionadas são igualmente importantes por apresentarem personagens em busca de ruptura com o passado e de valorização de algo particular. Nosso objetivo com essa dissertação é analisar as peças de Jacques Ferron, aqui trabalhadas como antecipadoras dos sentimentos sociais eclodidos na Revolução Tranquila e como anunciadoras das transformações culturais que estavam por ocorrer. Evidenciamos, ainda, a importância desse autor para a formação de uma literatura própria do Quebec, uma vez que desenvolve, por meio de suas personagens, um processo de identificação de uma identidade dita quebequense.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade; Americanidade; Literatura quebequense; Teatro.

RÉSUMÉ

Le Québec, province francophone du Canada, acquiert aujourd'hui une grande importance en ce qui concerne les aspects économiques, sociaux et culturels. Au Brésil on développe plusieurs études à propos de l'histoire et de la culture québécoises en vue de comprendre les transformations de cette région francophone en Amérique. Ce mémoire vise à agrandir ces études à partir de l'analyse de textes produits pendant les années 50, la période qui précède un important moment de développement social et culturel de la société québécoise : la Révolution tranquille. Pour comprendre ces transformations on doit souligner les sentiments qui la précèdent et on utilise, à cet effet, une littérature en voie de transformation et d'affirmation comme littérature québécoise. Dans le but de réaliser cette analyse on utilise deux pièces de l'écrivain Jacques Ferron, présentées avant la Révolution tranquille. On choisit cet auteur par son importante production littéraire qui cherche la compréhension du Québec; en outre, les pièces sélectionnées sont importantes car elles présentent des personnages en quête de rupture avec le passé et de valorisation des spécificités du Québec. L'objectif de la présente étude est d'analyser les pièces de théâtre de Jacques Ferron, ici présentées comme représentatives des sentiments sociaux observés au cours de la Révolution tranquille et des transformations culturelles qui étaient en train d'arriver. On met en évidence, encore, l'importance de ces pièces pour la formation d'une littérature propre au Québec, car elles développent par l'intermédiaire de ses personnages, le processus d'affirmation d'une identité proprement québécoise.

MOTS-CLÉ: Identité; Américanité; Littérature québécoise; Théâtre.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. O poder silencioso – conquistas da Revolução Tranquila	18
1.1 A Revolução Tranquila – momento de valorização do quebequense.....	18
1.2 O fim do período duplessista e a Revolução Tranquila.....	20
1.3 O governo de Jean Lesage e as transformações no Quebec.....	30
2. O teatro no Quebec antes de 1960 e o início da produção de Jacques Ferron	37
2.1 O desenvolvimento inicial do teatro no Quebec.....	37
2.2 Jacques Ferron e seu percurso pelo “Quebec Esquecido”.....	42
2.3 O início da produção literária de Jacques Ferron.....	44
2.4 O período de 1945 a 1960.....	48
3. A antecipação das transformações quebequenses na obra de Jacques Ferron	51
3.1 A ruptura de uma “virgindade secular”: o início da mudança sócio-político-cultural do Quebec representada na personagem Élise, de Jacques Ferron.....	51
3.2 A ressemantização do mito de Don Juan em Jacques Ferron como evidenciadora da busca de identidade do quebequense.....	60
CONCLUSÃO	72
REFERÊNCIAS	78

INTRODUÇÃO

A literatura quebequense vem ganhando expressão em universidades brasileiras e europeias, nas quais há mais de duas décadas são desenvolvidos estudos sobre o Quebec¹ – sua história, sua cultura e sua literatura. Antes disso não se tinha uma visão dessa região como um lugar particular de desenvolvimento da língua francesa. Conforme afirma Zilá Bernd em seu texto intitulado *Os estudos francófonos no Brasil: um breve histórico* – de 1999 –, até 1975 o ensino do francês foi centrado na língua, na cultura e na literatura da França. Segundo a autora, não se tinha ainda conscientização do mundo francófono próximo a nós; essa ideia começou a ser difundida entre professores no V Congresso Mundial da Federação Internacional de Professores de Francês, em 1981. A partir de então, iniciou-se um movimento de valorização da literatura do Quebec, bem como a das Antilhas, e essas regiões passaram a ser vistas como representantes da francofonia americana. Com a ampliação do conceito de francofonia no passar dos anos; de pesquisas desenvolvidas por universidades; a abertura de núcleos de estudos voltados ao Canadá – como os Núcleos de Estudos Canadenses e os Núcleos de Estudos Francófonos –; e trabalhos publicados em revistas – por exemplo, a *Interfaces Brasil/Canadá*, da Associação

¹ O Quebec é a maior das dez províncias que constituem o Canadá. Essa região é situada a nordeste do continente americano e tem características muito particulares, como a língua francesa – idioma materno falado pela maioria dos habitantes –, a religião católica – seguida pela maioria da população, diferentemente do resto do país canadense, protestante em sua maioria. Essas características são resultantes da forte influência francesa na província desde o início de sua colonização, em 1534, quando o navegador Jacques Cartier tomou posse do território em nome do Rei Francisco I da França.

Brasileira de Estudos Canadenses (ABECAN²) e a *Canadart*³, revista do Núcleo de Estudos Canadenses da UNEB (Universidade do Estado da Bahia) –, constatamos um expressivo e crescente interesse pelos estudos canadenses nas últimas décadas.

A importância que os estudos canadenses em geral – e em particular os estudos quebequenses – recebem na atualidade, nos abre espaço para um trabalho que visa estudar as transformações e o desenvolvimento da literatura do Quebec, o que resulta, também, em um estudo sociocultural que apresenta o processo de formação identitária de uma sociedade e a busca do homem por seu lugar no mundo. Sendo assim, este trabalho propõe um estudo que irá tratar de obras de literatura de língua francesa produzidas no Quebec, ampliando, dessa forma, o conhecimento e a visão que se tem da literatura dessa província canadense de língua francesa.

No início dos anos 50, a literatura quebequense estava em busca de afirmação e valorização de sua produção dentro do espaço literário canadense. No entanto, essa não foi uma tarefa fácil já que a produção artística da província ainda era considerada, por muitos, uma extensão da literatura francesa, e, portanto, não se caracterizava como uma arte identificadora daquela região onde era produzida, e tampouco era observada como possuidora de características próprias. Contudo, não podemos negar que o início da década de 50 apresenta-se como um momento muito importante de debate, de estudo, de descoberta e de compreensão da literatura de língua francesa produzida no Quebec – momento esse que acabou resultando, no ano de 1960, na

² A Associação Brasileira de Estudos Canadenses completou, em 2011, 20 anos de existência, realizando seu XI Congresso Internacional, com o tema *20 anos de interfaces Brasil/Canadá*. Também em 2011 a revista *Interfaces Brasil/Canadá* completou 10 anos de existência, lançando suas edições de número 12 e 13 – a de número 12 em maio no Canadá e em junho no Brasil, e a de número 13 em outubro, quando da realização do Congresso da ABECAN, no Brasil. Para mais informações sobre a ABECAN e a revista *Interfaces Brasil/Canadá*, é possível acessar os sites <http://www.abecan.org.br/> e <http://www.revistabecan.com.br/>, respectivamente.

³ A revista *Canadart* teve sua 17ª edição lançada em novembro de 2011 e conta com a colaboração de pesquisadores do Brasil e do Canadá.

chamada Revolução Tranquila, a qual teve forte impacto na sociedade nos anos seguintes devido a suas transformações culturais.

No âmbito literário quebequense, muitos nomes surgem como identificadores das transformações sociais e culturais ocorridas no Quebec com o passar dos anos, principalmente no período pós Segunda Guerra Mundial. Nomes como Gratien Gélinas (1909 – 1999), Marcel Dubé (1930 –), Rina Lasnier (1915 – 1997), Anne Hébert (1916 – 2000) e Jacques Languirand (1931) produziram uma literatura que visava trabalhar mudanças nas características da população e da região francófona em busca de marcas próprias que ressaltassem uma identidade local e observassem o Quebec a partir de suas particularidades. Esses escritores são apresentados em muitos livros teóricos como anunciadores de um novo Quebec e de uma terra com voz própria, com características reveladoras de sua identidade. Outro importante escritor que também produziu durante a década de 50, mas nem sempre aparece como um nome conhecido internacionalmente, é o escritor quebequense Jacques Ferron. Ele tem, em sua produção, algumas peças teatrais escritas no período anterior à Revolução Tranquila, mas é mais conhecido e valorizado por sua produção posterior à década de 50, momento em que passou a dedicar-se à produção de contos e romances, pelos quais recebeu vários prêmios literários, como o Prix du Gouverneur Général du Canada, em 1963, devido a sua obra *Contes du pays incertain* (1962), além dos prêmios France-Québec, em 1973, por *Les roses sauvages* (1971) e Athanase-David, em 1978, pelo conjunto de sua obra.

O início da produção literária de Jacques Ferron foi voltado à produção de peças teatrais e insere-se no período pré Revolução Tranquila – em uma época de busca e de descobrimento das especificidades quebequenses frente à herança deixada por culturas dominantes como a francesa e a inglesa; momento em que se passou a observar um processo de transformação de pensamento e a procura por uma afirmação identitária. Para o melhor entendimento do contexto literário quebequense e para maior valorização da obra desse escritor, nos propomos a analisar suas peças

levando em consideração o período em que estão inseridas e verificando sua ligação com o contexto social, político e religioso dos anos iniciais de sua produção.

Para o desenvolvimento desse trabalho, foram selecionadas duas peças produzidas por Jacques Ferron antes da Revolução Tranquila: *Tante Élise ou le prix de l'amour*, publicada no ano de 1955, e *Le Don Juan chrétien*, de 1957. Com o estudo dessas obras, buscaremos encontrar características marcantes da sociedade quebequense da época e, ao mesmo tempo, traços que se apresentam como enunciadores das transformações sociais e culturais ocorridas na década de 60. A partir desses escritos de Jacques Ferron, procuraremos destacar a valorização de um Quebec livre – que deseja descobrir-se e construir seu espaço particular –, além de levantar pontos que nos demonstrem a antecipação dos sentimentos que eclodiram na assim chamada Revolução Tranquila. Ao longo do trabalho, evidenciaremos a importância desse autor para a literatura de língua francesa no Quebec, identificando sua produção literária como uma ferramenta para o desenvolvimento da francofonia norte-americana e para o enriquecimento da identidade quebequense. Temos como objetivo, também, estudar de que maneira as peças selecionadas apresentam as personagens e como elas prenunciam as angústias e os anseios que antecedem o período da revolução.

Analisaremos, ainda, outro ponto importante para o Quebec: a questão religiosa, a qual está relacionada à educação, à política, à desigualdade social e à história de colonização da província. A educação no Quebec, principalmente direcionada à classe abastada, era controlada de acordo com os dogmas religiosos, o que impedia a população de adquirir um conhecimento maior das artes⁴. O clero, em certa época, era responsável por não permitir que a população tivesse acesso à nova produção literária que se fazia na Europa. Por trás disso, havia a tentativa da igreja de

⁴ Podemos observar no texto *La censure au Québec* (1983), de Claude-Marie Gagnon, a história da censura praticada pelo clero no Quebec. Muitos editores se recusavam a editar obras que apresentassem pontos contrários à religião católica, pois não eram independentes para isso; a igreja possuía domínio intelectual e moral sobre as edições lançadas.

controlar a sociedade, já que a arte – que se apresenta como meio de expressão social e também como forma de manifestação cultural e política – produz efeitos no indivíduo, o que acaba por modificar sua conduta e seu pensamento sobre o mundo ou reforçar seus valores sociais, conforme CANDIDO (2000). Podemos compreender as mudanças culturais que ocorreram em decorrência da Revolução Tranquila mediante ao estudo da produção literária, a qual trabalhava os anseios que se faziam presentes na sociedade, os quais anunciavam as transformações que mais tarde ocorreriam com a revolução. A literatura, portanto, apresentou-se como uma crítica social e religiosa e configurou-se em um espaço para que a população quebequense pudesse lutar por valorização dentro do Canadá.

Ao desenvolvermos um estudo como o apresentado aqui, é possível compreendermos não só as transformações de uma região específica, mas também entender as transformações do homem, das culturas e das sociedades de modo geral. Nos sentimos incluídos nessas transformações no momento em que, estudando a francofonia na América, percebemos que nossa história cultural e artística possui traços históricos semelhantes a outras culturas americanas, formando com elas um diálogo cultural interamericano, como é o caso do Brasil e do Quebec. Segundo BERND (1999, p. 19), “o conhecimento da francofonia americana deveria contribuir para um melhor conhecimento de nós mesmos enquanto latino-americanos. A francofonia é, pois, apresentada como auxiliar de nossa própria afirmação identitária”.

Um aspecto de grande impacto na história do território que hoje constitui a província quebequense foi a colonização; primeiramente a francesa – iniciada em 1534, com a posse do território em nome do rei da França e os primeiros contatos com tribos nativas americanas –; depois a inglesa – quando os ingleses se apoderaram de todo o Canadá, cedido pelos franceses no Tratado de Paris, em 10 de fevereiro de 1763. Assim como o Quebec, o Brasil foi colonizado e isso retardou a valorização de uma literatura que levasse em consideração as especificidades brasileiras; mas já em 1922, com a Semana de Arte Moderna, observamos uma ruptura dos valores estéticos

antigos e a busca de vários artistas brasileiros por liberdade de expressão e por uma identidade particular. Como nos apresenta Cícero Galeno Lopes na introdução de seu livro *Literatura e poder* (2005, p. 15), “a literatura brasileira foi lida durante algum tempo como periférica, relativamente à portuguesa. Parece que as ligações culturais e históricas à Europa levaram parte da crítica à concepção de dependência. Isso demonstra esquecimento das diferenças, das quais brotam as singularidades”. Portanto, nosso percurso literário também foi marcado pelos traços da colonização, que retardaram uma maior identificação da identidade brasileira. Assim como a literatura quebequense, a brasileira precisou afirmar-se como arte forte de características particulares e lutar por uma autonomia literária, auxiliando, dessa forma, o engrandecimento das características da população. Segundo BERND (2003, p. 20), “a formação da literatura brasileira caracterizou-se, pois, por uma espécie de errância, por movimentos alternados de predominâncias ora de forças sacralizantes, ora de forças dessacralizantes, favorecendo a Relação, isto é, a construção identitária concebida sem excluir o outro”.

O que podemos observar, analisando o percurso do Quebec e do Brasil em busca de identidade própria, é que, no caso brasileiro, desde o período colonial já se encontravam expressões que procuravam inserir o Brasil no contexto da América, evocando, segundo NAVARRO (2007), uma americanidade brasileira, na tentativa de mostrar o distanciamento existente entre a colônia e a metrópole e a influência do espaço americano na caracterização e formação do povo brasileiro. Já no caso do Quebec, é a partir das mudanças ocorridas nos anos 60, com a Revolução Tranquila, que se busca encontrar, nas tradições construídas por um percurso histórico colonizado, uma cultura que pudesse se apresentar como própria, autêntica, autônoma, formadora de uma intelectualidade direcionada ao processo de formação identitária constituída pelas influências francesas, indígenas, inglesas e americanas. Dessa forma o Quebec busca valorizar seu espaço dentro dessa americanidade buscada também pelo Brasil.

Apesar dessa observação de pontos semelhantes entre a história literária brasileira e a quebequense, não desenvolveremos um trabalho voltado à comparação; nos direcionaremos à literatura francófona do Quebec. Essa breve apresentação da procura por uma autonomia identitária dessas terras americanas serve para demonstrarmos que é possível aprender muito sobre nossa própria literatura por meio dos estudos quebequenses. A breve comparação também é importante para que entendamos melhor o Quebec, uma vez que já conhecemos bem as consequências e as possíveis transformações ocasionadas por um período de colonização, devido a história do nosso Brasil.

Sendo assim, pretendemos, com o trabalho aqui desenvolvido, verificar os anseios da população na década anterior a 1960, observando as transformações que já se faziam sentir na sociedade como elementos importantes que resultariam na eclosão da Revolução Tranquila. Visando observar essas mudanças sociais, a literatura será o meio – especificamente as peças *Tante Élise ou le prix de l'amour* e *Le Don Juan chrétien*, produzidas por Jacques Ferron – para compreendermos a percepção da identidade quebequense, resultando na construção de nova realidade social, educacional, política e humana.

Com o intuito de esquematizar o trabalho, iniciaremos o estudo com uma apresentação da vida e da produção escrita de Jacques Ferron, localizando seus pensamentos e sua obra no momento que antecede à Revolução Tranquila. Na sequência, apresentaremos um capítulo que trata das transformações ocorridas no período dessa revolução e as consequências para a sociedade quebequense; ainda, desenvolveremos uma comparação entre o que se buscava antes de 1960 e o que foi conquistado nos anos que se seguiram. Em outros capítulos trabalharemos a análise geral das peças escolhidas; elaboraremos um estudo das relações entre as personagens, visando ressaltar uma visão do papel e do lugar da mulher nas obras, além de verificarmos a importância das influências sociais e religiosas na caracterização das personagens em geral. Também buscaremos compreender como as personagens são percebidas pelo *outro* ao buscar uma nova construção de si mesmas

e como elas representam a formação de um novo espaço sociocultural no Quebec, procurando evidenciar essa produção teatral de Jacques Ferron como enunciativa dos sentimentos encontrados na sociedade quebequense pré-revolucionária.

1. O poder silencioso – conquistas da Revolução Tranquila

1.1 A Revolução Tranquila – momento de valorização do quebequense

A história do Quebec é repleta de momentos marcantes que abalaram as estruturas sociais e culturais da sociedade. Um dos acontecimentos mais importantes dessa região ficou conhecido como Revolução Tranquila, movimento que, apesar de revolucionário, foi caracterizado pelas transformações ocorridas por intermédio da renovação de pensamentos, e não por batalhas. Esse momento é considerado o ponto inicial da valorização do Quebec de cultura francesa, de afirmação de suas particularidades frente à cultura inglesa predominante no Canadá e de aceitação e defesa de suas origens. Durante esse período muitos aspectos passaram por significativas mudanças na sociedade quebequense; aspectos sociais, econômicos, culturais e educacionais, que deram um novo rumo aos franco-canadenses na busca pela compreensão de sua própria identidade. Mesmo sabendo que a Revolução Tranquila trouxe enriquecimento para todas essas áreas – o que foi importante para o surgimento de uma nova consciência no Quebec –, neste capítulo enfatizaremos a questão da transformação educacional ocorrida durante esse período, partindo da observação de que um dos principais pontos para o desenvolvimento de um povo, de um ser humano e de uma nação está relacionado com a aquisição de conhecimento. A educação, para o homem, é uma questão fundamental para o aperfeiçoamento de suas capacidades e para a afirmação de sua dignidade; é o meio para ele se fazer respeitar e se desenvolver plenamente. A valorização da questão educacional, iniciada no período dessa revolução, junto com a busca por reconhecimento da produção literária quebequense, demonstra a importância da aquisição de conhecimento para a sobrevivência de um povo, com a conscientização de sua história, de sua identidade e de suas singularidades. Segundo BERND (1992, p. 17), a literatura tem “a função de

dessacralização, de desmontagem das engrenagens de um sistema dado, de pôr a nu os mecanismos escondidos, de desmistificar. Há também uma função de sacralização, de união da comunidade em torno de seus mitos, de suas crenças, de seu imaginário, ou de sua ideologia”.

Podemos observar que no Quebec as reformas educacionais desenvolvidas a partir de 1960 se apresentaram como importante fator na realização das transformações sociais, econômicas e culturais que ocorreram nos anos seguintes, pois o incentivo maior direcionado à educação proporcionou à população um enriquecimento cultural. Com maior acesso ao conhecimento, as pessoas perceberam seu papel no desenvolvimento de suas características, conseguiram ver a si mesmas como possuidoras de liberdade para viver e de voz para questionar seu espaço de vivência e atuar em coletividade social. Esse momento de renovação do Quebec nos possibilita analisar as ideias apresentadas por muitos escritores antes dos anos 60 – como Jacques Ferron, autor analisado neste trabalho –, ideias essas que podem ser entendidas como enunciadoras de uma mudança da mentalidade do quebequense. Podemos, ainda, identificar esses escritores como representantes da busca por uma identidade dita *québécoise*, de um povo cuja história é marcada pelos anos de colonização, bem como pelo aprisionamento intelectual promovido pelo domínio da igreja sobre a educação e sobre os valores sociais.

1.2 O fim do período duplessista e a Revolução Tranquila

Tendo seu momento inicial no ano de 1960, mesmo sem uma data exata, a Revolução Tranquila coincidiu com a queda do regime tradicional e arcaico no Quebec, comandado pelo partido conservador de Maurice Duplessis⁵. Segundo RIOUX (1978, p. 103), ela foi um “phénomène social total” e “met en cause la société tout entière : elle la traverse de part en part; elle remet en question les vérités séculaires et les pouvoirs les mieux établis. Elle marque une rupture avec une période historique du Québec”. Essa revolução representou uma liberação da energia social contida durante anos de isolamento e de repressão alavancados pela igreja católica; pelos anos de colonização britânica e por uma política de estagnação do governo duplessista, que buscava o controle sobre o povo por meio da legitimação de um poder político e religioso na província, como é possível observar em parte de um dos discursos de Duplessis publicado no jornal *Devoir*⁶, no ano de 1949:

Nous sommes à un tournant de notre histoire et nous avons à faire face à des troubles sur le front industriel et religieux. On veut détruire la religion en s'attaquant à l'autorité légitimement constituée. Les deux autorités civile et religieuse doivent être également respectées parce qu'elles viennent de Dieu... Il ne peut y avoir d'ordre nouveau. L'ordre nouveau est un leurre. Les vérités éternelles ne changent pas. Ne vous laissez pas atteindre par la tuberculose et le cancer de la pensée... la province a besoin de stabilité économique, sociale et nationale⁷.

⁵ Maurice Le Noblet Duplessis (1890 – 1959), fundador do partido político conservador denominado *União Nacional*; primeiro ministro do Quebec em dois momentos: de 1936 a 1939 e de 1944 a 1959.

⁶ *Le Devoir* é um jornal da província quebequense, fundado em 1910 por Henri Bourassa (1868 – 1952).

⁷ Discurso de Maurice Duplessis publicado em 14 de julho de 1949.

Com a morte de Maurice Duplessis, em setembro de 1959, e a de seu sucessor Paul Sauvé⁸, ocorrida logo em seguida, em janeiro de 1960, a sociedade quebequense deparou-se com a oportunidade de desembaraçar-se de uma política que governava a região havia muitos anos – política essa que não proporcionava uma evolução educacional e trabalhista nem uma melhoria no setor de saúde. O pensamento duplessista, praticado desde os anos 30, era caracterizado por um regime nacionalista conservador e clerical, que impedia o desenvolvimento dos setores artístico, social, político e educacional, principalmente se esses visassem seguir as transformações ocorridas em outras partes do mundo. Apesar do período de prosperidade econômica trazido pelo início da Segunda Guerra e a retomada da industrialização do Quebec, havia um descontentamento muito grande em relação à política praticada pelo governo conservador.

Com relação à religião, a igreja católica ampliou suas forças ainda nos anos 20, quando o Quebec passou por um período de rápido crescimento econômico iniciado com a Primeira Guerra Mundial e a conseqüente implantação de várias indústrias na província. Esse crescimento resultou em uma redução do trabalho e da mão de obra rural, pois muitas famílias deixaram o campo para trás e se dirigiram à cidade em busca de trabalho nas indústrias e de uma vida melhor. Essa migração em massa resultou em muitos problemas sociais: a mortalidade infantil aumentou; muitas pessoas morreram devido a epidemias; as moradias dos operários eram insalubres; a maioria da população não tinha acesso às escolas. Diante dessas questões o governo provincial acabou por deixar aos cuidados da igreja instituições hospitalares, asilos, orfanatos e a função de organizar a educação no Quebec. No entanto não houve muitos benefícios no âmbito social, principalmente em relação à educação; a população abastada era quem continuava tendo maior acesso ao ensino, que nem

⁸ Joseph-Mignault-Paul Sauvé (1907 – 1960), um dos dirigentes da União Nacional; primeiro ministro do Quebec de 10 de setembro de 1959 a 2 de janeiro de 1960.

sempre era de qualidade. O que era ofertado pela igreja no governo duplessista era caracterizado por um ensino clássico controlado, que, segundo ROCHER (1973), procurava censurar todo o tipo de contradição e tensão na vida quebequense, impondo o silêncio por meio do poder que a igreja católica possuía. Para manter seu domínio sobre a população, o clero transmitia o ensino seguindo o pensamento, os dogmas e os objetivos dos poderes encontrados dentro da igreja; ele controlava a vida social e tudo aquilo que estava ligado à arte e à literatura, tendo o apoio do governo.

O controle do clero sobre o sistema educacional não proporcionava um espaço nas escolas para o estudo de obras literárias de autores quebequenses, o que dificultava o desenvolvimento das diferenças do Quebec em relação ao Canadá de língua inglesa e também em relação à França. Além disso não se possibilitava espaço para a transmissão de uma tradição que construísse a idéia de identidade e permitisse formar uma literatura propriamente quebequense. O que se privilegiava era o ensino de língua e literatura clássicas francesas. Segundo Vital Gadbois, em texto intitulado *L'héritage littéraire québécois – propositions didactiques* (1984, p. 130), “ jusqu'en 1960, les quelques oeuvres littéraires québécoises à l'école et au collège ont toutes plus ou moins échoué sur les rivages enchantés de la littérature française ou sur les récifs de l'histoire littéraire nationale et surtout nationaliste”.

O governo de Duplessis coincidiu com outro momento marcante no Quebec conhecido como *La grande noirceur*⁹, e, segundo BIRON et al (2010), esse período, associado às políticas do governo duplessista e ao trabalho do clero, acabou passando à população uma sensação maior ainda de atraso, denunciado por muitos intelectuais da época. O setor educacional, assim como o das artes e o da literatura, não

⁹ O período conhecido como *La grande noirceur* se estendeu por 15 anos (do período pós-guerra (1945) até a morte de Maurice Duplessis, em 1959). Esse período tratou-se de um momento no qual a sociedade quebequense passou por uma violenta transformação social, causada por questões diversas, como o êxodo rural, o desenvolvimento da economia e o crescimento da classe média, entre outras questões.

encontrava espaço para um maior desenvolvimento, já que não contava com a ajuda do Estado. Mas observamos que uma mudança cultural na vida dos franco-canadenses já era possível nos anos 50; meios para essa evolução já se faziam presentes na sociedade, porém eram barrados pelo poder conservador, conforme as palavras de Léon Dion, em seu texto *Québec 1945-2000* (1993, p. 320):

Dans les années cinquante, la possibilité existe de changer la vie, de faire évoluer la société. Les contemporains y parviennent plus qu'ils ne le croient : des revues se créent, des universités se développent, des institutions accèdent à la maturité, des nouveaux médias accroissent l'ouverture sur le monde et rapprochent les intellectuels du peuple. Malheureusement, les pouvoirs rétrogrades en place freinent l'évolution des composantes dynamiques de la société. Ils bloquent son accession à la modernité. Il faut détruire le vieux pour construire le neuf.

Apesar desse retrocesso da evolução quebequense, a prática do novo já se fazia presente nas ações de muitos pensadores, como, por exemplo, Jean-Paul Desbiens¹⁰, que escreveu o livro *Les insolences du frère Untel*, em 1960, o qual teve enorme repercussão no Quebec. O autor dessa obra era irmão marista, e por publicar o livro sem autorização acabou sendo exilado na Suíça por um período de três anos, retornando à província em 1964. Sua contribuição, contudo, já estava dada; seu livro vendeu mais de 100.000 cópias em quatro meses – um dos primeiros sucessos de venda do Quebec – e produziu o debate sobre a manutenção da sociedade tradicional

¹⁰ Jean-Paul Desbiens (1927 – 2006) foi professor da comunidade dos Irmãos Maristas, formando-se em filosofia pela *Université Laval* em 1958. Após seu exílio na Suíça, ele retorna ao Quebec titular de um doutorado em filosofia pela *Université de Fribourg* e passa a atuar no Ministério da Educação dirigindo programas de ensino até 1970.

quebequense frente à necessidade de transformações sócio-econômicas, como podemos observar no seguinte trecho da obra: “Des forces socio-économiques sont à l’œuvre qui cherchent à faire éclater les cadres de la société traditionnelle qui ne se maintiennent plus désormais que par l’omniprésence d’un régime politique confortablement installé au pouvoir” (p. 85).

O livro de Jean-Paul Desbiens também questionava o posicionamento da igreja frente às necessidades do povo e a qualidade da educação pública oferecida por ela, passando a ser considerado uma ferramenta importante para o surgimento da revolução educacional que viria a ser realizada no Quebec nos anos seguintes. Podemos observar que a referida obra também apresentava a questão da língua utilizada no Quebec, o *joual*¹¹, como sendo uma característica de parte da população, mas que, ao mesmo tempo, demonstrava o distanciamento cultural, o resultado da precariedade e da baixa qualidade do ensino e o isolamento do quebequense, como vemos no extrato a seguir, que questiona a língua falada por estudantes em uma escola.

Nos élèves parlent joual, écrivent joual et ne veulent pas parler ni écrire autrement. Le joual est leur langue. [...] Nous vivons joual par pauvreté d’âme; nous parlons joual par voie de conséquence. [...] Cette absence de langue qu’est le joual est un cas de notre inexistence, à nous, les Canadiens français. On n’étudiera jamais assez le langage. Le langage est le lieu de toutes les significations. Notre inaptitude à nous affirmer, notre refus de l’avenir, notre obsession du passé, tout cela se reflète dans le joual, qui est vraiment notre langue.[...]

J’ai lu dans ma classe, au moment où elle est parue, l’Actualité de Laurendeau. Les élèves ont reconnu qu’ils

¹¹ O *joual* é definido como um *sociolecte*, uma variedade linguística da cultura popular quebequense da região de Montreal. Durante a segunda metade do século XX, principalmente com o início da Revolução Tranquila, essa variação ganhou importância por intermédio da produção de muitos escritores e artistas quebequenses, passando a ter um valor identitário para a cultura da província.

parlaient joual. L'un d'eux, presque fier, m'a même dit : "On est fondateur d'une nouvelle langue !" Ils ne voient donc pas la nécessité d'en changer. "Tout le monde parle comme ça", me répondaient-ils. Ou encore : "On fait rire de nous autres si on parle autrement que les autres" ; ou encore, et c'est diabolique comme objection: "Pourquoi se forcer pour parler autrement, on se comprend". (*Les insolences du frère Untel*, p. 17)

Os próprios alunos não viam a necessidade de aprender a língua francesa, pois eles se faziam entender por meio do *joual*. Mas por trás dessa questão existia um problema maior: o francês, herança da colonização francesa, estava perdendo espaço para o inglês, que ameaçava a sobrevivência da língua utilizada pelo franco-canadense no Quebec, colocando em risco uma das suas principais características. Em Montreal falava-se principalmente o inglês, que passou a ser utilizado também em boa parte dos meios de comunicação e no trabalho, o que dificultava o entendimento dos francófonos. Somente no ano de 1974 – quando a língua inglesa já era considerada o idioma oficial da região – é que a Assembleia Nacional do Quebec¹² passou a adotar a língua francesa como idioma oficial da província. Com isso o francês tornou-se o principal idioma utilizado no comércio, no governo e, principalmente, nas escolas públicas – importante local para o desenvolvimento e a valorização dessa marca do franco-canadense. A língua francesa não poderia ser esquecida ou subjugada, pois ela era, e continua sendo, a expressão da identidade do Quebec, uma das particularidades que caracteriza o quebequense e mantém sua especificidade. A respeito desse assunto, GADBOIS (1984, p. 134) comenta:

Il faut enfin s'attacher à pratiquer, à découvrir, à maîtriser et à modeler la langue française, outil hérité, quoi qu'on en

¹² *Assemblée Nacional du Québec*; apesar do termo nacional em seu nome, a Assembleia corresponde à província do Quebec.

dise, outil vivant, quoi qu'on en pense, *notre* outil d'expression: la langue à la fois de Anne Hébert et de Victor-Lévy Beaulieu, la langue de Grandbois et de Miron, la langue de Plume, Dufresne, Dubois autant que de Bolduc, langue qui nous habite, quoi qu'on fasse.
C'est cet héritage dont l'école doit se faire humblement mais en toute conscience un lieu de transmission, mieux, de fréquentation.

O *joual*, por ser uma língua deteriorada, repleta de anglicismos, assim como diz GAUVIN (1990), acabava por representar certa inferioridade econômica do quebequense. Verificamos que nos anos 60 passou-se a denunciar a degradação cultural e a situação de inferioridade dos canadense-franceses, representadas, principalmente, pela língua humilhada. Aproveitando esse período de contestação de valores, queda do conservadorismo e da tradição e o momento de transformação cultural no qual o Quebec se encontrava, produziu-se uma literatura voltada para os anseios dessa nova sociedade em formação, uma literatura que se tornava porta-voz da identidade quebequense que passou a ser reivindicada. No contexto educacional iniciou-se um trabalho voltado à valorização da produção literária local, causando forte mudança no ensino de literatura nas escolas e faculdades. Segundo GADBOIS (1984, p. 131):

À partir de 1960, on assiste au rapide naufrage de l'enseignement de la littérature française et de l'histoire littéraire, à l'entrée massive de la littérature québécoise, et au chambardement de la didactique de la littérature. Un vent de démocratisation de l'enseignement, d'anti-élitisme, d'affirmation de notre identité nationale, de fureur de vivre ici (...).

Ao mesmo tempo os cidadãos franco-canadenses refletiram sobre sua situação de inferioridade dentro do Canadá e reivindicaram maior igualdade frente aos

anglófonos da região e a melhoria de sua situação geral dentro da província. Em busca de maior autonomia e enriquecimento das características da população do Quebec, ocorreu, dentro desse período, uma mudança na expressão utilizada para indicar o canadense de origem francesa; deixou-se de empregar o termo *canadien français* e passou-se a dar ênfase ao termo *québécois*, demonstrando, dessa forma, o pertencimento do quebequense a sua terra e o reconhecimento de suas especificidades. O uso dessa nova expressão ressaltou o espaço de vivência daquele anteriormente considerado franco-canadense, incluindo-lhe uma particularidade local e reforçando, com isso, uma identidade distinta do Canadá anglófono – a qual buscava apresentar-se como mantenedora de uma herança da colonização francesa. Essa característica apresentava, ainda, singularidades que a ressignificavam, constituindo-se na expressão da formação de um povo distinto, com uma identidade própria. Sobre essa questão da herança francesa do Quebec, BERND (2005, p. 20) comenta:

Todo o empenho em preservar a língua e a cultura francófonas no território da província do Quebec teve que ser feito ao mesmo tempo a favor e contra a França, num jogo de ambivalências que perdura até hoje. A favor da França por ser imperioso para a comunidade preservar a herança do patrimônio cultural francês e contra ela, pois o ressentimento de terem sido *laissés pour compte*, quando da invasão inglesa, foi um trauma difícil de resolver. Por isso, parece à primeira vista paradoxal que a cultura francesa seja tão ferrenhamente defendida, enquanto os franceses (“les Français de France”) sejam considerados como os “maudits français” (malditos franceses). Esta situação determinou uma busca de afirmação identitária calcada no *repli sur soi* (no ensimesmamento), num retorno nostálgico ao passado e numa demarcação territorial circunscrita aos limites da província. A célebre expressão “nous autres québécois” (nós, os quebequenses) é reveladora de uma identidade de raiz única, voltada para a determinação e valorização da história, da língua, da religião, da cultura e dos valores herdados da colonização francesa.

Apesar da tentativa inicial de aproximar-se da França – mantendo a herança por meio da valorização da história, da língua, da religião, da cultura e de outros valores herdados dos franceses –, o Quebec acabou reatualizado pelo espaço americano, por sua inclusão num espaço identificador da *americanidade*.

Além da mudança na expressão que denominava os nascidos na província, também a literatura produzida no Quebec ganhou nova proposta, deixando de ter o sentido duplo – *canadienne-française* – para denominar-se *littérature québécoise*. Essa literatura passou a tratar da questão da língua utilizada pelo quebequense, que apesar de ser uma herança francesa possui traços de *americanidade*, sendo recriada e regenerada pelos escritores, o que não se apresentou como uma tarefa fácil, assim como nos apresenta GAUVIN (1990, p. 4):

... si tout écrivain a jusqu'à un certain point mandat à la fois de défendre et de transformer la langue, l'écrivain québécois se trouve dans la situation inconfortable d'avoir à recommencer constamment un combat pour que le français demeure chez lui la langue de l'État, de la culture et des communications”.

Essa busca pela imposição de uma língua própria, que transmitisse as particularidades do Quebec, foi uma luta essencialmente importante para a construção da identidade quebequense. Além da adoção do francês como língua oficial no ano de 1974, dois anos depois, com a eleição do Partido Quebequense, René Lévesque¹³ aprovou a lei 101, que instituía a Carta da Língua Francesa¹⁴, documento que

¹³ René Lévesque (1922 – 1987). Político e repórter canadense; fundou o partido quebequense, atuando como primeiro ministro do Quebec de 1976 a 1985.

¹⁴ Essa carta foi uma proposta de Camille Laurin (1922 – 1999), psiquiatra e política participante do Partido Quebequense, atuando como ministra do Desenvolvimento Cultural durante o governo de René

fortificava a adoção do idioma francês, realizada em 1974, multando e punindo quem não respeitasse essa decisão.

Lévesque. É possível ter acesso ao texto integral da Carta da Língua Francesa acessando o site http://www2.publicationsduquebec.gouv.qc.ca/dynamicSearch/telecharge.php?type=2&file=/C_11/C1_1.html

1.3 O governo de Jean Lesage e as transformações no Quebec

Não podemos deixar de mencionar aqui o trabalho realizado pelo governo de Jean Lesage¹⁵, iniciado em 1960, pois com ele o Quebec passou por transformações marcantes, como o aumento do controle da província sobre sua economia, a busca pelo bem-estar social – observado também nas melhorias dos serviços prestados, como a maior distribuição de eletricidade – e o acesso a uma educação de qualidade com a melhoria do ensino público. Além disso, foram realizadas reformas políticas e administrativas para combater as políticas governamentais utilizadas no período regido pelo partido da União Nacional, momento marcado por corrupção. Essas reformas possibilitaram a liberação da população – que se encontrava aprisionada socialmente – e proporcionaram seu desenvolvimento com a construção de um novo espaço para o engrandecimento de seus valores. O trabalho que o governo liberal desenvolveu nas áreas social, econômica, educacional e cultural foi o primeiro passo para a transformação da identidade nacional do Quebec, possibilitando a liberdade necessária para a criação de um espaço próprio do francófono no norte da América. Isso auxiliou muitos setores sociais no momento em que uma revolução cultural se fazia presente na sociedade; revolução essa que buscava libertar os espíritos aprisionados por tanto tempo, como podemos observar em RIOUX (1978, p. 105):

La Révolution tranquille, c'est beaucoup plus une libération des esprits, la naissance d'attitudes critiques envers les choses et les hommes que des actes proprement révolutionnaires. C'est aussi et surtout une revalorisation de soi, la réappropriation d'un esprit d'indépendance et de recherche, qui avait gelé au cours du long hiver qui a duré plus d'un siècle.

¹⁵ Jean Lesage foi Primeiro Ministro do Quebec de 5 de julho de 1960 a 16 de junho de 1966. Ele é considerado o pai da Revolução tranquila.

A política do governo de Lesage uniu-se aos profundos sentimentos de mudança já observados na sociedade, o que acabou por incentivar e facilitar as transformações desejadas pela população. Apesar de o governo anterior investir na construção de escolas com o intuito de instruir a população do Quebec – que teve grande crescimento demográfico, principalmente entre os anos de 1945 e 1960 – o sistema educacional encontrou muitas dificuldades para o seu desenvolvimento, como escolas de um só cômodo, professores mal instruídos e mal remunerados, além de grande parte da população não ter acesso ao conhecimento. Outro aspecto marcante para a educação da época, como já observado anteriormente, era o poder da igreja sobre a organização e a oferta de ensino. Segundo JONES (1999), a igreja, mantenedora de escolas que ofereciam um ensino clássico, voltado para a parte abastada da sociedade – proporcionando uma educação direcionada principalmente a meninos e com o intuito de formar uma classe elitizada –, acabou perdendo espaço na oferta do ensino público e, como consequência, perdeu muito do seu poder frente à sociedade. As transformações do governo liberal, ao reorganizar a oferta de ensino público – redirecionando, assim, os recursos financeiros antes passados à igreja –, inviabilizaram a continuidade do trabalho realizado pela igreja católica frente à educação, pois ela dependia de recursos financeiros para a administração de suas escolas e para a manutenção de seus espaços físicos.

Um dos primeiros feitos do governo liberal na educação foi o lançamento da *Grande charte de l'éducation*, no ano de 1961, pelo ministro da juventude Paul Gérin-Lajoie¹⁶. Entre as novas leis do sistema educacional encontrava-se a ampliação do tempo de estudo de 7 para 11 anos, garantindo o ensino gratuito até o fim do

¹⁶ Paul Gérin-Lajoie (1920 –), advogado e político quebequense. Sempre direcionado à questão educacional, participou de vários comitês e debates antes de ser nomeado Ministro da Juventude no governo de Lesage, permanecendo no cargo de 1960 a 1964. Em seguida foi nomeado Ministro da Educação, de 1964 à 1966. Como esse ministério não existia ainda, ele foi o primeiro a tornar-se Ministro da Educação no Quebec.

ensino médio; obrigatoriedade da permanência escolar até os 16 anos de idade; auxílio financeiro para a permanência de crianças e jovens nas escolas¹⁷. Essas melhorias no setor educacional possibilitaram maior acesso a todos os níveis de ensino, crescimento no número de alunos nas escolas e maior desenvolvimento intelectual e pessoal da juventude quebequense. Além disso, outro trabalho do governo de Lesage – que acabou transformando o sistema educacional e, como consequência, interferindo no poder que a igreja desempenhava frente a esse sistema – foi a criação do Ministério da Educação em 1964, iniciando, com isso, uma reforma do ensino público. Ocorreu a construção de grandes institutos – o que possibilitou a criação de escolas secundárias polivalentes – e a valorização de professores, tanto em aspecto de formação quanto financeiro. Os programas educacionais também passaram por reforma, colaborando com a ampliação e a democratização do acesso à educação buscado pelo governo. A partir de então se observou a decadência do pensamento tradicional e conservador no Quebec, dando lugar a uma nova mentalidade, a qual possibilitou o enriquecimento cultural da sociedade, que passou a contestar certos valores e apresentou nova visão sobre o espaço quebequense em comparação ao resto do Canadá. O auxílio maior direcionado à educação, junto ao período de contestação da Revolução Tranquila, auxiliou as mudanças individuais e coletivas da sociedade proporcionando-lhe o encontro com um novo espaço de desenvolvimento e de transformação, necessário ao engrandecimento e valorização de suas particularidades. Esse momento revolucionário possibilitou o avanço na afirmação da população do Quebec, produzindo, ao mesmo tempo, o sentimento de presença no mundo, como nos apresenta DION (1998, p. 65 e 66):

¹⁷ Informações retiradas do site

[http://www.revolutiontranquille.gouv.qc.ca/index.php?id=104&tx_ttnews\[tt_news\]=141&cHash=e0c500a68828fddeacaa1fb25205c136](http://www.revolutiontranquille.gouv.qc.ca/index.php?id=104&tx_ttnews[tt_news]=141&cHash=e0c500a68828fddeacaa1fb25205c136), em 05 de novembro de 2011.

La Révolution tranquille, c'est la confiance en soi qui s'éveille parmi le peuple, c'est le sentiment général que tout devient possible, que rien ne résistera à la ferme volonté de changement dans tous les domaines exprimée par les chefs de file et ressentie par la population. C'est la certitude que des changements profonds se produisent et continueront de se produire, qu'aucun obstacle ne parviendra à les empêcher, que l'avenir est indéfiniment prometteur. La Révolution tranquille, c'est la conviction que les Canadiens français s'épanouiront en s'affirmant, en étant présents au monde et non plus en s'isolant. C'est la prise de conscience que les conditions de leur épanouissement individuel et collectif, conformément à leur culture, sont à leur portée et qu'il est nécessaire de ne pas les laisser échapper. Les mots nouveaux qui l'expriment, le discours tenu à l'époque où elle se déroule nourrissent l'imaginaire qui la magnifie.

Ainda em se tratando das reformas ocorridas no Quebec, mesmo que Jean Lesage tenha desenvolvido políticas que buscassem um engrandecimento econômico, social e do setor de saúde, as modificações mais observadas nos anos 60 estão fortemente ligadas ao campo cultural e educacional. Como já observara DUMONT (1987, p. 305), “la révolution tranquille fut d’abord une révolution culturelle [...] la production idéologique y fut plus abondante que jamais dans l’histoire de ce pays”. O Quebec se fortificou ideologicamente com a chegada dos anos 60, passando a traçar um novo percurso para obtenção de uma maior significação de sua identidade. Além disso, a Revolução Tranquila colaborou radicalmente com os novos pensamentos que se apresentavam na época, produzindo uma nova visão da província, na tentativa de transformar a mentalidade quebequense aprisionada por tanto tempo, como nos mostra ROCHER (1973, p.14):

C'est sur le plan de la culture que les changements majeurs et les plus radicaux se sont produits au cours des dernières années. Depuis le début des années 1960, la mentalité pré-

industrielle qui régnait encore jusque là, du moins officiellement et dans la majorité de la population, a éclaté. Elle s'est vue confrontée par une nouvelle mentalité, rapidement émergente et faisant tache d'huile, celle qu'on lie d'ordinaire à la civilisation post-industrielle.

Le rythme de cette transformation culturelle a été si rapide qu'il a étonné et pris par surprise les hommes de ma génération. C'est d'ailleurs ce tempo du changement, peut-être plus que le changement lui-même, qui a frappé les esprits et créé des remous. Cela s'explique évidemment par le fait que cette mutation avait longtemps retardé.

No ano de 1966 o Partido da União Nacional retomou o governo ao vencer Jean Lesage e o Partido Liberal nas eleições, elegendo como primeiro ministro Daniel Johnson¹⁸. Mas as mudanças no Quebec já tinham tomado seu rumo, e dessa vez o partido mostrava-se mais “nacionalista”, deixando o conservadorismo no passado e dando continuidade às reformas educacionais e culturais observadas nos anos anteriores, durante o governo liberal. Já no ano de 1967 houve a ampliação do ensino público no Quebec com a criação dos CÉGEPs (Collège d'Enseignement Général et Professionnel)¹⁹, caracterizando-se como um meio dos jovens desenvolverem atividades socioeconômicas, culturais, esportivas e comunitárias, e proporcionando o primeiro contato da população com o ensino técnico e superior. A criação desses CÉGEPs transformou a educação no Quebec até os dias de hoje, sendo possível encontrar 48 entidades distribuídas em todas as regiões quebequenses. Além de possibilitar esse primeiro contato da população com o ensino superior, também ocorreu a valorização e a ampliação do acesso à universidade – com a criação de

¹⁸ Daniel Johnson (1915 – 1968). Advogado e político quebequense; permanece como primeiro ministro do Quebec de 1966 até o ano de sua morte, em 1968.

¹⁹ Para saber mais sobre os CÉGEPs acessar o site <http://www.fedecegeps.qc.ca/>

bolsas para universitários – e a valorização dos profissionais de educação – com a criação de bolsas de capacitação para os professores.

Outro aspecto importante que observamos em relação à educação é a transformação pela qual o ensino de literatura passou no início dos anos 60. O debate proposto sobre a questão da identidade quebequense, antes mesmo do início da década, passou a ganhar forças e levou à criação de nova didática de ensino que favoreceu o surgimento da denominação “literatura quebequense”, valorizando a produção do Quebec como algo particular. Esse processo apresentava-se contrário ao que ocorria anteriormente, quando o que era produzido denominava-se literatura de expressão francesa. Com isso visava-se democratizar o ensino ampliando o conhecimento de uma identidade própria, com foco em um pensamento voltado para si mesma, para o encontro de suas particularidades e para o debate dos pontos importantes para o Quebec naquele momento, conforme GADBOIS (1984, p. 132):

On privilégie les oeuvres québécoises contemporaines; on assure la suprémacie au texte; on sacrifie aux dieux de la nouvelle critique; on évacue toute approche externe de l'oeuvre. En revanche, on favorise l'écriture et l'expression poétique, narrative et théâtrale. Les étudiants s'impliquent dans les grands débats culturels québécois, centrés surtout sur la question linguistique (pour ou contre le joual) et la problématique du pays (pour ou contre l'indépendance du Québec.

A identificação de uma literatura própria – e seu entendimento como representante das características e das tradições de um povo – proporcionou ao estudante maior conhecimento sobre o universo cultural no qual estava inserido. Isso permitiu um diálogo entre diferentes pensamentos e também entre a literatura de sua época e as literaturas antigas, em busca de compreensão das mudanças da sociedade e das transformações do ser humano. A luta que se construiu em torno do campo

literário, nos anos 60, pretendeu acabar com a estagnação cultural e o sentimento de inferioridade da população quebequense, reivindicando autonomia da literatura e levando em consideração o contexto da província. Segundo nos apresenta GAUVIN (1990, p.7), nos anos 60 muitos escritores passaram a denunciar, nas páginas das revistas *Liberté* e *Parti pris*, a situação de inferioridade da cultura e da língua utilizada pelo quebequense e, ao mesmo tempo, propuseram maior autonomia para a literatura produzida no Quebec. A partir disso passou-se a utilizar a denominação *littérature québécoise*, deixando para trás a designação de *littérature canadienne-française*. Ao pensar a literatura não como um sistema fechado, mas como resultado dos outros sistemas simbólicos que a envolvem, a literatura produzida no Quebec passou a ter sua existência incluída no contexto sociopolítico quebequense, o que fortificava sua autonomia e proporcionava condições para sua existência.

2. O teatro no Quebec antes de 1960 e o início da produção de Jacques Ferron

2.1 O desenvolvimento inicial do teatro no Quebec

Estudando a história do teatro no Quebec, observamos que antes de 1900 a dramaturgia quebequense já mostrava forças na busca por sua afirmação, quando se observou um aumento no número de salas de espetáculos em Montréal e quando as representações em língua francesa tiveram, da mesma forma, um grande crescimento. Nessa época até mesmo o clero buscava auxiliar os grupos teatrais da região na intenção de combater a representação e o aumento no número de peças inglesas, consideradas imorais, e alguns autores canadense-franceses pouco a pouco se iniciavam na produção dramática. Mas o desenvolvimento do teatro canadense-francês não se manteve. Na passagem do século ele não alcançou o sucesso observado no repertório estrangeiro, que agradava muito mais o gosto popular. De acordo com BIRON et al (2010), no início do século, 65% da dramaturgia apresentada no Canadá francês era de origem inglesa e 29% de origem francesa. Essa situação não pôde ser contornada na época, nem mesmo com o auxílio do clero; pelo contrário, ela tornou-se ainda mais complicada com a chegada da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), quando grupos e artistas de outros países deixaram de apresentar suas peças no Canadá, assim como em outros lugares do mundo, em decorrência da guerra. Com isso o teatro sofreu um golpe repentino, pois as turnês e as encenações foram canceladas e não havia uma produção local que preenchesse esse espaço cultural.

Na busca por dar continuidade ao trabalho na região, ocorreu, a partir de então, a formação de pequenos e novos grupos teatrais no Canadá, já voltados ao pensamento moderno – seguindo o que se passava em Paris –, mas que, de início, não agradaram ao público local, mais conservador. Com o passar do tempo a comédia ganhou espaço e algumas peças curtas de escritores locais foram encenadas; porém, como se tornava

muito caro apresentar novos trabalhos, muitos diretores teatrais, em busca de retorno financeiro, preferiram se voltar às obras já conhecidas do público – vindas de outros países e já encenadas por lá. Esse ponto acabou por prejudicar ainda mais uma possível reação da arte dramática canadense-francesa, pois já não havia incentivo para a produção local.

No ano de 1920 o teatro sofreu com a concorrência de novas formas de entretenimento, sendo prejudicado principalmente pela ascensão do cinema, que passou a ser falado e atraiu um público maior. Apesar disso observamos algum sucesso, como a encenação de *Aurore, l'enfant martyre*²⁰, no ano de 1921, considerada, segundo BIRON et al (2010), a peça que apresentou a primeira figura popular da dramaturgia quebequense, sendo encenada em torno de seis mil vezes no Canadá e nos Estados Unidos entre os anos de 1921 e 1951. Mesmo com o êxito dessa peça, o teatro canadense-francês, já próximo ao ano de 1930, não conseguiu se afirmar, passando o número de salas teatrais, nessa época, a ser menor que no início do século, o que causou grande perda para esse gênero artístico no Quebec.

No ano de 1948 surgiu um manifesto denominado *Refus global*, redigido pelo pintor, escultor e professor Paul-Émile Borduas e assinado por outros quinze artistas (Magdeleine Arbour, Marcel Barbeau, Bruno Cormier, Claude Gauvreau, Pierre Gauvreau, Muriel Guilbault, Marcelle Ferron, Fernand Leduc, Thérèse Leduc, Jean-Paul Mousseau, Maurice Perron, Louise Renaud, Françoise Riopelle, Jean-Paul Riopelle e Françoise Sullivan). Esse manifesto visava estimular a diversidade de vozes e de expressões artísticas, buscando romper com o passado e construir o novo, e valorizar uma linguagem universal para a ampliação da expressão do homem – linguagem essa

²⁰ Essa peça foi baseada na morte de Aurore Gagnon, menina que contava 10 anos de idade na época. Sua morte ocorreu em fevereiro de 1920, em Sainte-Philomène de Fortierville, Quebec, e foi considerada o resultado dos maus tratos do pai e da madrasta. Os autores da peça em 1921 são os comediantes Léon Petitjean e Henri Rollin, mas a publicação dessa obra continuou inédita até o ano de 1982, quando Alonzo Le Blanc utilizou páginas reunidas das primeiras encenações e publicou o texto, inevitavelmente resultando diferente do original que acabou passando por variações no passar dos anos.

livre de opressão. Segundo ABREU (1995), diferentemente do que ocorreu em outros lugares do mundo, o grupo das artes plásticas foi o primeiro a suscitar uma preocupação com o meio artístico no Quebec, alastrando esse pensamento às outras expressões de arte e fundindo-as em um mesmo processo estético. O autor ainda comenta que é a partir da escrita das recusas, como o *Refus global*, que o governo impôs sua fúria repressora sobre os artistas, condenando-os ao isolamento – algumas vezes por meio do exílio, outras pelo esquecimento total – até a chegada da Revolução Tranquila, com a qual as formas de arte passaram a ser valorizadas e os artistas ganharam maior visibilidade, podendo desenvolver seus trabalhos e fazer com que suas mensagens passassem a ser difundidas livremente para a sociedade. O *Refus global* compreendeu vários textos que vinham em defesa de uma produção artística que buscasse quebrar as amarras sociais, colocavam em questão os valores tradicionais da sociedade quebequense e sua “cegueira” diante dos problemas do Quebec, como observamos no seguinte trecho do manifesto:

Colonie précipitée dès 1760 dans les murs lisses de la peur, refuge habituel des vaincus ; là, une première fois abandonnée. L'élite reprend la mer ou se vend au plus fort. Elle ne manquera plus de le faire chaque fois qu'une occasion sera belle.

Un petit peuple serré de près aux soutanes restées les seules dépositaires de la foi, du savoir, de la vérité et de la richesse nationale. Tenu à l'écart de l'évolution universelle de la pensée pleine de risques et de dangers, éduqué sans mauvaise volonté, mais sans contrôle, dans le faux jugement des grands faits de l'histoire quand l'ignorance complète est impraticable.²¹

Além disso o manifesto tinha como um dos primeiros alvos os dogmas católicos, sendo o clero canadense-francês acusado de isolar o povo e de deixar o Canadá francês

²¹ *Refus global*. Texto pesquisado no site http://fr.wikisource.org/wiki/Refus_global em 20 de outubro de 2011.

de fora da evolução cultural pela qual o mundo passava. O isolamento e a alienação buscados pelo clero acabaram por suscitar um forte ponto anticlerical no manifesto. Isso passou a incitar a população a buscar novas formas de pensar e de ver a si mesma, a valorizar sua cultura, a dar lugar a coisas mais importantes em suas vidas, como, por exemplo, sua própria felicidade, rompendo com regras supervalorizadas – habituais da sociedade rica – e com certos dogmas religiosos que, na verdade, não correspondiam à realidade da maioria da população, mas calavam e aprisionavam o povo, como podemos observar em outro trecho da recusa:

Tous les objets du trésor se révèlent inviolables par notre société. Ils demeurent l'incorruptible réserve sensible de demain. Ils furent ordonnés spontanément hors et contre la civilisation. Ils attendent pour devenir actifs (sur le plan social) le dégageement des nécessités actuelles.

D'ici là notre devoir est simple.

Rompres définitivement avec toutes les habitudes de la société, se désolidariser de son esprit utilitaire. Refus d'être sciemment au-dessous de nos possibilités psychiques. Refus de fermer les yeux sur les vices, les duperies perpétrées sous le couvert du savoir, du service rendu, de la reconnaissance due. Refus d'un cantonnement la seule bourgade plastique, place fortifiée mais facile d'évitement. Refus de se taire — faites de nous ce qu'il vous plaira mais vous devez nous entendre — refus de la gloire, des honneurs (le premier consenti) : stigmates de la nuisance, de l'inconscience, de la servilité. Refus de servir, d'être utilisables pour de telles fins. Refus de toute INTENTION, arme néfaste de la RAISON. À bas toutes deux, au second rang !

Place à la magie ! Place aux mystères objectifs !

Place à l'amour !

Place aux nécessités !

O sentimento de distanciamento em relação à França começou a se fazer presente na literatura com a produção de textos que expressavam os anseios locais e uma visão de mundo particular de um povo, o que acabou por dar forças à literatura canadense-francesa no meio crítico e iniciou a sua busca por apresentar-se como formadora de algo próprio, não mais como ramificação de outra literatura, não mais como parte da produção de uma terra tão distante, não só geograficamente, mas também culturalmente. Buscando se desenvolver sem depender do reconhecimento de Paris – centro cultural e intelectual da época –, a literatura canadense-francesa lutou para conquistar um maior público leitor, e, para isso, foram tomadas algumas iniciativas que visavam ampliar o conhecimento da população em relação aos escritos locais, demonstrando, também, o desejo de apresentar condições para o surgimento e a valorização de uma literatura autônoma. Entre tais iniciativas houve o lançamento dos *Écrits du Canada français*²², em 1954. Essa revista foi fundada por Jean Louis-Gagnon²³ e visava incentivar escritores canadense-franceses, publicando uma seleção de textos com ênfase na produção literária do Quebec.

²² A revista *Les écrits du Canada français* permaneceu com esse nome até 1995, quando passou a ser publicada com o nome *Les écrits*. Para saber mais sobre a revista é possível acessar o site <http://www.lesecrits.ca/>

²³ Jean Louis-Gagnon (1913 – 2004) foi um jornalista quebequense. Além de trabalhar em vários jornais e revistas, foi embaixador do Canadá junto à UNESCO durante a década de 70.

2.2 Jacques Ferron e seu percurso pelo “Quebec Esquecido”

Um dos escritores que passou a apresentar uma obra que buscava desatar o nó entre a literatura francesa e a literatura produzida no Canadá francês – ao mesmo tempo apresentando o Quebec e suas particularidades – foi Jacques Ferron, filho de Joseph-Alphonse Ferron e de Adrienne Caron, nascido no dia 20 de janeiro de 1921 em Louiseville, no condado de Maskinongé, situado ao sul da província quebequense. As particularidades sociais, geográficas e folclóricas do lugar ficaram marcadas no jovem que futuramente se tornaria médico e escritor. Outra característica que marcou fortemente a vida de Jacques Ferron foi a separação sócio-econômica e racial existente na região. A dominação, primeiramente pela França, depois pela Inglaterra, criou uma segregação no Quebec, uma desigualdade social muito grande encoberta por uma consciência puritana e hipócrita baseada na estrutura de uma América branca, sendo isso encontrado pelo escritor em várias cidades pelas quais passou.

Iniciando a profissão médica no exército, no ano de 1946, Jacques Ferron começou sua “descoberta” de um Canadá pobre e esquecido. Em seguida, trabalhando em Gaspé-Nord e, por fim, desde o ano de 1949, em Ville-Jacques-Cartier, localizada na margem sul do rio Saint-Laurent, o jovem médico teve a possibilidade de comparar o subúrbio com a metrópole, de observar as diferenças entre o *petit-village* e o *grand-village* quebequenses. Foi nesse novo espaço que ele se deparou com um Quebec diferente do qual estava acostumado. O contato com a população suburbana apresentou-lhe, além da grande desigualdade social, a grande diferença em relação ao francês falado na província e, ao mesmo tempo, o espírito popular marcante das pequenas cidades. Essas marcas observadas durante seu trabalho como médico lhe mostraram um país diferente, com outras características, marcado por uma distância social visível nas condições de vida da população de baixa renda, e presente também na língua falada nessa região, uma língua humilhada, que tocou esse médico de grande consciência social e o fez voltar-se a uma busca por sua compreensão, pelo entendimento das

transformações dessa “língua incerta”. Ao mesmo tempo, esse novo espaço o fez direcionar-se à compreensão das particularidades que marcavam essa parte miserável e esquecida da sociedade, mas que se apresentavam como importante ponto no desenvolvimento e na caracterização do povo quebequense. Podemos observar que as vivências de Jacques Ferron, por meio de sua profissão, tornaram-se marcantes em sua vida e o levaram a ver o Quebec como um país incerto, como um lugar a ser descoberto por si mesmo; também o levaram a ver a sociedade – de características autóctones e influenciada pelas colonizações francesa e inglesa – em busca de traços próprios, de traços que fossem representativos de seus valores e de suas singularidades.

Jacques Ferron se dedicou tanto à medicina quanto à literatura com a mesma paixão, mas nunca chegou a ser um médico notável, como muitos membros de altos grupos profissionais. Ele foi um médico sério, de consciência social e política muito forte, voltado ao trabalho com as minorias, e, conforme o apresentam Jean-Cléo Godin e Laurent Mailhot no livro *Théâtre québécois I* (1988, p. 216), ele pode ser comparado a “un Rabelais, dont il a en partie la verve, l’imagination et la santé; un Louis-Ferdinand Céline, médecin de la banlieue rouge²⁴ de Paris, dont il a la conscience sociale et le trait percutant, sans en avoir le pessimisme douloureux et la naïveté politique”. Para compreender Jacques Ferron devemos unir sua dedicação à profissão médica e a sua genialidade literária. Para conhecê-lo precisamos ler sua vasta obra; das crônicas médicas e cartas escritas para jornais a outros gêneros literários como o teatro, o conto e o romance, desenvolvidos por ele durante toda a sua vida.

²⁴ *Banlieue rouge* refere-se ao nome utilizado desde o início do século XX para designar os arredores da cidade de Paris, na França, povoada principalmente pela classe trabalhadora, sendo representante de uma parte mais pobre da cidade. Essa expressão não se refere apenas a essa parte de Paris, mas, sim, a regiões normalmente habitadas pela classe trabalhadora, referindo-se, portanto, a áreas mais pobres. In.: http://fr.wikipedia.org/wiki/Banlieue_Rouge, acessado em 25 de outubro de 2011.

2.3 O início da produção literária de Jacques Ferron

Estudando a história de Jacques Ferron, observamos que ele iniciou a sua produção literária privilegiando o teatro, produzindo sua primeira peça no ano de 1947, uma comédia denominada *Les Rats*. Dois anos mais tarde, em 1949, ele publicou pela primeira vez uma obra, denominada *L'Ogre*. Após surgiram outras, como *Le Licou* (1951), *Tante Élise ou le prix de l'amour* (1955), *Le Dodu ou le prix du bonheur* (1956), *Le cheval de Don Juan* (1957), *Les grands soleils* (1958), *Gazou ou le prix de la virginité* (1963), *La tête du roi* (1963), *La sortie* (1965) e *Le coeur d'une mère* (1969). Ao mesmo tempo em que ele se dedicou ao teatro, também escreveu contos e narrativas, o que nos possibilita encontrar em suas obras uma evolução parecida nos diferentes gêneros literários por ele produzidos. Conforme comentam GODIN e MAILHOT (1988, p. 218), a obra de Ferron “va d'un style très sobre, vif, dépouillé, néo-classique – le style des premières pièces et, à un moindre degré, des premiers contes – à un style qui, sans perdre ses qualités nerveuses, devient de plus en plus riche, ample, allant jusqu'à une véritable rhétorique, d'ailleurs plus poétique qu'éloquente”.

A obra desse escritor sempre foi direcionada por seu trabalho com a medicina, seu pensamento social e sua participação na vida política do Quebec. Sua produção literária possui referências históricas do Canadá francês e também de sua atualidade política, além de apresentar várias personagens baseadas em pessoas com as quais o autor cruzou em sua caminhada pela província. As carreiras de médico e de escritor estão relacionadas; o médico Ferron é uma testemunha da vida do povo do Quebec, o que acaba por apresentar uma forte influência de sua atividade médica em seus escritos. Segundo nos apresentam BIRON et al (2010, p. 432), “le médecin de famille se présente souvent dans l'imaginaire de Ferron comme un personnage un peu à part de la société traditionnelle, un bourgeois athée ne fréquentant guère l'Église et nourrissant une compassion profonde pour les paysans ou les ouvriers qu'il soigne”.

Ao contrário da medicina, sempre tratada com seriedade, a política foi tratada por Jacques Ferron de forma irônica. Ele fundou no ano de 1963 o Partido Rinoceronte, contrapondo-se à política federal e ao resto do Canadá por meio de uma atuação satírica, sendo que o ponto “não cumprir nenhuma promessa” era apresentado como o objetivo principal do partido. Alguns anos depois se uniram a ele nomes como Gaston Miron (1928-1996), reconhecido poeta quebequense, e Michel Rivard (1951), cantor, ator e compositor quebequense, dando uma maior visibilidade ao partido. Apesar de ironizar a política, o autor buscou por meio dela, assim como por meio de seus escritos, valorizar o povo esquecido do Quebec, trabalhando para que ele fosse ouvido, reconhecido e tratado com dignidade. Dessa forma ele acabou por ser um representante dos anseios e das transformações da província.

Escritor por prazer, médico por profissão, Jacques Ferron foi uma figura importante para a história canadense-francesa por ter trabalhado, em suas obras, uma visão particular do Quebec e do mundo, por ter se aprofundado em um estudo das transformações sociais e políticas de sua época – principalmente dos anos 50, 60 e 70 –, tais como o fim do regime *duplessiste*²⁵, o início do movimento *souveraniste*²⁶, e a perda de poder do clero frente aos avanços políticos, tendo como resultado o distanciamento da religião na prestação de serviços sociais. Além disso, a valorização desse escritor está em seu trabalho com os grandes temas: a vida, a morte, o nascimento, o sofrimento e a

²⁵ O regime duplessista está ligado a Maurice Duplessis, primeiro ministro do Quebec em dois momentos diferentes: o primeiro entre os anos 1936 e 1939, e o segundo entre os anos 1944 e 1959. Essa época foi marcada por problemas em questão de direitos do povo e havia uma grande distância entre a parte pobre e a parte rica da sociedade. A parte rica da sociedade era, em sua maioria, clerical, e representava as idéias do clero. A parte pobre, e as mulheres em geral, eram classes menosprezadas, ficando os pobres submissos aos ricos e as mulheres ao poder do marido.

²⁶ O *souveranisme* no Quebec foi um movimento que valorizava as características do povo e o qual buscava tornar o Quebec um estado independente da federação canadense. Por ter pontos distintos do resto da América do Norte, sendo francófono em sua maior parte, o Quebec visa ser reconhecido por suas particularidades culturais, além de apresentar uma economia forte, independente do resto do Canadá.

loucura, frequentemente desenvolvidos em seus escritos. Em meio ao seu universo literário podemos encontrar registros da condição humana, de sua trajetória e de sua busca incessante pela vida. Por ter trabalhado com a medicina, Jacques Ferron esteve mais próximo à pobreza e ao desamparo do povo quebequense e conheceu com maior profundidade o sofrimento do homem de sua terra. Essa aproximação repercutiu em seu pensamento, marcando profundamente suas ideias e sua obra, levando-o a fazer parte dos principais movimentos de transformação social e política do Quebec. Por mais de trinta anos colaborou com editoriais médicos e paramédicos e também com vários jornais, escrevendo cartas incisivas a respeito das condições da profissão médica. Seus textos, muitas vezes agressivos e polêmicos, suas frases impactantes e suas histórias desconcertantes não poupavam os políticos e os colegas de profissão, nem mesmo poupavam a própria profissão de médico.

Jacques Ferron foi homem polêmico, muitas vezes visto, por alguns, como arrogante, anarquista, com uma desenvoltura excessiva, mas visto por outros, ao mesmo tempo, como um homem conhecedor do homem e de suas necessidades; um ser um pouco tímido, possuidor de grande amor para com o povo e denunciador da terrível condição humana encontrada em seu percurso pelo país. Se a medicina abriu-lhe caminho para descobrir o Quebec, seus escritos possibilitaram que ele desenvolvesse um trabalho em prol do homem e da sociedade, e é por meio desses escritos que podemos observar as várias faces do escritor: o dramaturgo, o romancista, o ensaísta, o humorista, o contista, o político, um homem variado, complexo e vigoroso, um homem que está ligado profundamente a sua obra, não podendo ser analisado separadamente dela. A visão de mundo que o autor possuía – assim como sua vivacidade, sua independência, sua originalidade e seu trabalho crítico – tornou sua obra inteligente, alegre e marcante, apresentando-a como anunciadora de um mundo a ser descoberto, desenvolvendo características importantes para a verificação de uma cultura própria do quebequense e para a busca de sua identidade particular. Além disso, a obra de Jacques Ferron é marcada por pontos que se sobressaem aos limites de uma literatura regional, ultrapassando fronteiras e podendo ser estudada como pertencente a uma literatura

mundial. Segundo BOUCHER (1992, p. 247), “c’est peut-être par le biais du recueil que l’oeuvre ferronienne se rattache le plus à la littérature contemporaine universelle (...). Son oeuvre se dégagerait ainsi d’un contexte jusqu’ici presque exclusivement québécois et prendrait sa place sur la scène de la littérature mondiale”. Devido a suas características, observamos que a produção de Jacques Ferron apresenta importantes aspectos para o estudo do ser humano e de seus ideais, formando uma literatura que trabalha com desejos individuais e coletivos do homem na tentativa de encontrar seu lugar no mundo.

2.4 O período de 1945 a 1960

O início da produção artística de Jacques Ferron está situado no período marcado como o início do teatro nacional moderno no Quebec, de 1945 a 1960, quando o aumento de público possibilitou a criação de novos grupos teatrais, a profissionalização de atores e o aparecimento de novos escritores que buscavam trabalhar com peças próprias, não somente com o repertório clássico. Nessa época muitas instituições foram fundadas, como o *Théâtre du Rideau Vert*, em 1949, e o *Théâtre-Club*, em 1953, buscando, ambas, tornar essa forma de arte acessível a um público maior. Ainda, o *Théâtre du Nouveau Monde* foi fundado no ano de 1951 e passou a ser um local muito importante para apresentações de repertórios clássicos e nacionais²⁷. O teatro passou a ser um espelho da sociedade ao trabalhar com a questão nacional; ao apresentar um cenário de características canadense-francesas, e ao evidenciar os costumes sociais locais, adquirindo, dessa forma, uma legitimidade social e causando, ao mesmo tempo, um deslumbramento no público mais culto. Essas características não agradavam à igreja, já que era ela que detinha o domínio artístico e literário no Quebec e controlava quase todo o sistema educacional. Com receio de ver seu poder diminuir frente à sociedade, a igreja passou a ver o teatro como sendo uma arte suspeita, o que acabava por dificultar o desenvolvimento da produção teatral e o enriquecimento da literatura local. Ao mesmo tempo o mundo literário também não recebia apoio do Estado, o que prejudicava sua organização e seu desenvolvimento. Apesar de tudo, é nessa época que surgiram importantes escritores quebequenses que fizeram parte da revolução que eclodiu no ano de 1960, a qual já vinha ganhando forças desde o período pós-guerra. Jacques Ferron foi

²⁷ O teatro foi importante para o crescimento da cultura quebequense, pois sempre se caracterizou como uma das principais manifestações culturais na província, colaborando para a transformação e a valorização do Quebec. É possível saber mais sobre a história das companhias teatrais e dos diversos teatros do Quebec acessando o site <http://grandquebec.com/theatres-du-quebec/>

um desses escritores, produzindo um teatro satírico que visava trabalhar as transformações da sociedade e os dramas interiores do indivíduo – como observaremos em suas obras do período que antecede essa revolução –, não estando ligado a um grupo específico, o que ocorria com os escritores da época. Segundo BIRON et al (2010), as vozes mais fortes dos anos 1945 a 1960 não estão ligadas a uma corrente literária, mas se caracterizam, principalmente, por uma busca individual. Ainda sobre o momento que antecede a Revolução Tranquila, os autores comentam (2010, p. 282):

La période 1945-1960 sera donc examinée autrement que sous le signe de la Révolution tranquille anticipée: ce qui se met en place à cette époque, ce n'est pas un projet politique ou littéraire précis, mais une constellation d'oeuvres qui s'écrivent à distance les unes des autres. Alors que la littérature des années 1930 était marquée par la vitalité du discours critique, on se tourne en 1945 vers les oeuvres de création.

O que os escritores buscavam era uma autonomia literária, um desligamento do pensamento francês e da idéia de que a literatura do Quebec não tinha valor frente aos clássicos – isso com o intuito de alcançar a liberdade de produzir de acordo com as características do Canadá francês. Durante o período da Segunda Guerra, a literatura canadense-francesa buscou se desenvolver distanciada da literatura francesa, e para isso contou com a ajuda de casas editoriais que, apesar da precariedade, buscaram voltar-se ao trabalho de escritores locais, o que futuramente proporcionaria um debate entre essa nova produção literária e a produção literária da França. Enquanto Paris retornava a seu posto de capital literária, após a guerra, a literatura canadense-francesa passou a questionar seu lugar de existência e sua independência cultural frente à literatura francesa. Naquele momento passou-se a discutir a relação entre o centro parisiense e a periferia canadense-francesa, além de se ressaltar as particularidades do escritor dessa

terra distanciada da França, partindo, então, para o início de um debate sobre a questão identitária apresentada nessa literatura que vinha a se constituir como independente.

3. A antecipação das transformações quebequenses na obra de Jacques Ferron

3.1 A ruptura de uma “virgindade secular”: o início da transformação sócio-político-cultural do Quebec representada na personagem Élise, de Jacques Ferron

O escritor Jacques Ferron lançou sua peça teatral intitulada *Tante Élise ou le prix de l'amour* em 1955, quando a sociedade quebequense se aproximava de um momento marcante de sua história – a Revolução Tranquila – e se questionava sobre o espaço de desenvolvimento de suas particularidades francófonas – herança deixada pela colonização francesa – dentro do Canadá de maioria inglesa. Buscamos neste capítulo evidenciar a personagem Élise como anunciadora das transformações que ocorreram no início dos anos 60, as quais quebraram barreiras sociais e possibilitaram o desenvolvimento das singularidades quebequenses.

Essa primeira obra analisada pode ser considerada uma *piécette*²⁸ (GODIN E MAILHOT, 1988), pois é uma peça rápida, de uma única cena, com poucas personagens e não apresenta mudança de ambientes. Ela nos apresenta uma figura interessante, a qual dá nome à peça: tia Élise; uma senhora rica de 75 anos que permaneceu virgem por nunca ter se casado. Inicialmente ela procura um quarto em um hotel, pois quer presentear sua sobrinha recém-casada dando-lhe algo especial. O diferencial desse presente é o estado em que o quarto deve se encontrar: completamente vazio. Essa atitude da velha senhora desencadeia a trama da peça, e por meio dela verificamos que Élise está transformada; ela quer, por intermédio da jovem moça, encontrar um meio de fazer sua primeira viagem ao espaço

²⁸ Pequena representação teatral.

desconhecido do prazer e experienciar as sensações do amor e da paixão que sempre lhe foram proibidas por uma sociedade de domínio patriarcal e por uma educação de características clericais. A noite de núpcias do jovem casal, para a tia, é o início da realização de um desejo reprimido durante muitos anos, como podemos observar na seguinte fala do hoteleiro: “Vous êtes donc son premier voyage. Avouez qu’il n’est pas mal choisi: un voyage de noce après soixante-quinze ans de célibat. Allez, mes enfants, ne la décevez pas ; vos joies et vos plaisirs seront les siens” (p. 136). A busca de tia Élise demonstra uma subversão aos padrões sociais e à educação recebida na época; a mulher, impedida de expor suas vontades, volta-se à realização de algo que a satisfaça. Jacques Ferron já identificava as mudanças que estavam ocorrendo na sociedade naquele momento, fazendo surgir em sua personagem a representação de um novo sentimento, a procura pela liberação e pelo prazer nunca antes experimentados. As características observadas em Élise, como o desejo de desvencilhar-se do passado autoritário e de buscar liberdade para exprimir seus ideais, é justamente o que vai ser apresentado como uma das características da Revolução Tranquila, como observamos em ROCHER (1973, p. 21):

La mutation culturelle du Québec s’inscrit dans un contexte plus large encore, qui est celui de la liberté retrouvée ou réclamée. Un des traits dominants de la culture canadienne-française avait été son respect de toutes les formes d’autorité, qu’on considérait comme nécessairement sacrées. L’autorité relevait d’une sorte d’ordre divin dont elle était le garant et le gardien.

(...)

Peut-être le caractère dominant de la mutation culturelle du Québec réside-t-il précisément dans cette explosion de liberté, ce besoin de briser les contraintes, de transgresser les tabous, qui a marqué l’évolution effervescente des dernières années. Longtemps étouffé sous la couverture d’institutions et de modes de pensée de style médiéval, le goût de l’indépendance, individuelle autant que collective, s’est bruyamment exprimé de diverses manières.

Ainda encontramos na peça uma figura feminina que desenvolve um papel diferente daquele exercido pela mulher durante o período analisado; a partir dela podemos inferir que há a tentativa de construir o espaço feminino por meio da conquista de igualdade e da quebra de barreiras, resultado de sua luta e de sua tomada de consciência. Isso não ocorre somente na figura de Élise, mas também na esposa do hoteleiro ao demonstrar sua indignação com a vida que leva ao lado do marido dentro do hotel – onde o que lhe resta é ver o resultado do amor dos outros nos lençóis. Ela exige que o hotel seja vendido para eles poderem mudar de vida:

L'hôtière

Voilà vingt ans, mon mari, que tu me caches le soleil. J'ai décidé de sortir de l'ombre. Si je ne te bouscule pas je finirai mes jours avec le monstre.

L'hôtelier

Bon, dans un mois, c'est promis. Et nous irons finir nos jours à la campagne. Es-tu contente ?

L'hôtière

Je le serai, l'hôtel vendu. Autrement, tel que je te connais, je n'en finirais pas d'un mois à l'autre de me contenter de promesses.

L'hôtelier

Jusqu'aujourd'hui ces promesses ont suffi.

L'hôtière

Elles ne suffisent plus. (p. 130)

Os 20 anos de “ocultamento” do sol dessa senhora nos indicam a negação da mulher diante do homem. A esposa do hoteleiro permaneceu sempre ao lado do marido e deixou de realizar seus desejos e sonhos para seguir com seu casamento, mas agora quer algo novo, quer viver uma vida diferente. Observamos que essa personagem desenvolve uma atitude libertadora, onde promessas não são mais aceitas.

Esses pontos observados aqui, mesmo que não estejam fortemente desenvolvidos na obra, nos possibilitam identificar a mudança no papel da mulher – que passa a fugir da submissão – e a busca pela valorização da voz feminina. Esses aspectos ganharão mais ênfase na literatura quebequense nos anos 60 com os escritos de várias mulheres, como Jovette Bernier, Rina Lasnier, Gabrielle Roy, Anne Hébert, Germaine Guèvremont, Antonine Maillet, entre outras. Ainda, a partir dos anos 70 a questão feminina ganhará mais força e se direcionará a outras áreas, como vemos em *Littérature nouvelle au Québec*, edição de março de 1990 da revista *Europe*:

C'est dans les années 70 que les femmes, jusque-là cantonnées à la poésie, au conte, au roman, envahissent tous les genres, élargissent et déplacent les frontières. En sociologie, en histoire, en politique, elles s'intéressent à leur propre présence-absence mais aussi aux rôles économique, culturel que jouent la famille, l'école, les petites communautés urbaines, les milieux et les conditions de travail. (p. 39)

O desejo da personagem na peça de Jacques Ferron representa o desvencilhamento dos costumes da época, onde a mulher era reprimida, repleta de pudores impostos socialmente e não encontrava espaço para demonstrar seus sentimentos. Essa procura pela libertação dos preceitos sociais que constatamos na obra nos indica o distanciamento com a religião, visto que esse setor exercia forte papel na sociedade. Devido a isso tia Élise simboliza uma luta contra o que era

pregado pela igreja, além de se opor ao sistema patriarcal e ao pensamento machista que dominava grande parte da população. A transformação dessa personagem antecipa o que foi observado mais tarde na Revolução Tranquila, quando o clero perdeu forças – surgindo assim uma liberação dos costumes, antes criticada –, além de representar a revolta das mulheres com a instituição clerical. Segundo J. F. BOUCHARD (2011), com a chegada dos anos 60 tornou-se inimaginável para as mulheres transmitirem o catolicismo para seus filhos, pois a instituição sempre se demonstrou sexista e machista, além de possuir um gosto pelo passado, quando exercia maior poder sobre a população.

É importante ressaltar que observamos a busca de Élise como uma ruptura com o religioso e com os costumes da época – visto que a personagem viveu sempre conforme as regras sociais –, mas não consideramos essa atitude um rompimento com o divino. Não encontramos na obra a negação a Deus ou qualquer menção negativa à religiosidade; portanto, fica clara para nós a contrariedade às atitudes da igreja frente à vida no Quebec e aos dogmas sociais impostos na época. Seleccionamos uma breve descrição que evidencia a vida regrada que a velha senhora seguiu durante sua vida, sendo isso observado na fala de sua sobrinha:

Elle

Moi, je n'ai pas à rougir : tante Élise, depuis un demi siècle et plus, a toujours été habillée du cou jusqu'aux pieds et d'un poignet à l'autre sans solution de continuité ; oserais-tu prétendre qu'elle n'a pas mérité que je la venge et que dans le plus simple appareil, ô mon chéri, je tiennne tête à ta pudeur et ne rougisse pas ? (p.137)

Já com 75 anos Élise passa a buscar o prazer que nunca conheceu, quer experienciar as sensações que anteriormente ela mesma via como algo impossível para uma mulher; ou seja, ela está à procura de se libertar de seus medos, das amarras sociais e da repressão religiosa. Ela passa a desejar algo que lhe é particular, quer

realizar seus desejos aprisionados e, mesmo que esteja no fim de sua vida, procurar aquilo que pode torná-la feliz. Essa individualidade da personagem apresenta uma característica da literatura produzida no Quebec antes dos anos 60, voltada mais para questões do indivíduo do que para a coletividade ou para uma literatura nacional; isso porque somente após 1960 ocorre uma diversificação ideológica no Quebec e os gêneros literários aprofundam a questão da consciência quebequense em direção à fundação de uma literatura nacionalista (DIONNE, 1984).

Outro aspecto verificado por nós nessa obra é a ausência de tia Élise. Mesmo não se fazendo presente ela é a personagem principal e fornece a complicação à peça; ainda, todas as outras personagens estão ligadas a ela, se movimentam e agem de acordo com suas intervenções, feitas sempre por telefone. Em momento algum ela aparece e nem mesmo sua voz é conhecida; só é possível saber o que tia Élise diz por meio da fala do hoteleiro, responsável por atender ao telefone e transmitir ao público/leitor as palavras pronunciadas pela velha senhora, como podemos ver no trecho a seguir:

L'hôtelier
(au téléphone) Allo... Oui, je vous reconnais, mademoiselle...
Non, mademoiselle, vous vous trompez: je suis bien aise de vous entendre. Que puis-je faire pour votre service?... Non, ils ne sont pas encore entrés... La chambre nuptiale est prête, vide comme le tombeau d'une vierge qui ne serait pas curieuse... De mourir, mademoiselle... Une allusion? Non, une simple image... Cette virginité vous semble déplacée? Il faut s'entendre: excusez-moi, mademoiselle... Les jeunes époux ne sauraient tarder? C'est aussi mon avis, car on sonne à la porte... Vous me rappellerez? Bien, mademoiselle. (page 132)

Em decorrência dessa ausência, observamos que a personagem Élise é criada a partir de uma voz em *off*, sendo esse aspecto visto por nós como ponto importante para trabalhar o papel feminino na peça. Entendemos que essa voz escondida –

sempre pronunciada por um homem – indica a posição das mulheres em relação à tradição patriarcal, que se caracteriza pela submissão, pelo vazio e pelo silêncio. Conforme ALMEIDA (2000, p. 207), “em oposição ao espaço masculino que se define historicamente por um espaço de dominação, hierarquia e conquista, a mulher tem sido tradicionalmente relegada a um espaço vazio, uma posição ausente e silenciosa”. Ainda segundo a autora, esse espaço é tradicionalmente identificado pela ausência ou por uma existência marginal. Ao excluir a presença e a voz de tia Élise de sua peça, Jacques Ferron inclui a questão da subordinação feminina no contexto social quebequense ali representado; portanto, para construir um espaço de alteridade, as ações da velha senhora são voltadas à ruptura dessa ausência feminina na sociedade e à quebra do silêncio repressor e estagnante imposto pelo sistema patriarcal e religioso. Vemos que sua tentativa de alcançar prazer é uma forma de libertação, uma forma de resistência feminina altamente transgressora para a sociedade da época. Além disso observamos que, apesar da ausência de voz, Élise demonstra forte presença dentro da peça por meio de seu nome. Os diálogos são formados em um jogo de ausência x presença, onde a voz dela não aparece, mas seu nome possui força e está sempre presente, representando-a.

Ao presentear sua sobrinha na noite de núpcias, tia Élise esperava que o amor entre o novo casal fosse tão forte que os dois jovens não percebessem a ausência de uma cama no quarto e se amassem loucamente no chão, como dois animais ferozes de paixão, pois isso era justamente o que ela desejaria para sua primeira noite de amor. Mas o jovem casal não se acostumou ao quarto vazio. O hoteleiro, sabendo que eles seriam deserdados se não consumassem seu amor como a tia havia solicitado, criou a situação amorosa que a velha senhora gostaria de ouvir para satisfazer seus desejos, como observamos no trecho abaixo:

L'hôtelier
 (au téléphone) Avez-vous entendu? Ils sont terribles.
 L'amour avec eux devient chose effrayante, l'explosion
 d'une bombe perdue, le déchirement métallique d'une
 virginité séculaire. (p.148)

O rompimento dessa virgindade secular apresentado no texto, além de indicar que Élise alcançou seu objetivo, nos auxilia a identificar uma representação da realidade ao compará-lo às rupturas que se observavam no Quebec naquele momento. Entendemos que essa virgindade apresenta o desconhecimento do quebequense sobre sua própria cultura, antes dos anos 60, mas a sua quebra identifica o início da transformação cultural da província. Tendo em vista que o texto dramático é uma modelização da realidade (PAVIS, 1995), essa peça de Ferron nos antecipa o desejo de quebrar as barreiras sociais – algo que foi conquistado com a chegada da Revolução Tranquila –, proporcionando à população a oportunidade de se descobrir. Vemos que a ruptura apresentada na obra representa a conscientização do quebequense frente ao aprisionamento social e religioso que se via no Quebec.

O fraco coração da velha senhora acabou parando por não suportar ouvir sobre a ferocidade com que o jovem casal se amou, conforme lhe disse o hoteleiro: ils hurlent comme des loups dans la jungle sibérienne; ils s'entredévorent et renaissent pour se dévorer encore (p. 148). Podemos observar na morte da velha senhora um símbolo da mudança social no Quebec; a morte indica a renovação daquilo que é antigo, a reorganização da sociedade e de seus costumes, a transformação dos pensamentos e dos desejos e a libertação das amarras sociais. Ainda vemos que a morte de tia Élise não é o fim, mas sim o começo de uma nova vida, conforme identificamos no seguinte diálogo entre o jovem casal:

Elle
Je pourrai te dire tout ce que je pense.

Lui
Ce sera merveilleux.

Elle
Je t'aimerai aveuglément.

Lui
Tu pourras toujours me voir près de toi.

Elle
Le sacrifice de ma pauvre tante n'aura pas été vain. (p. 153)

A herança que ela deixou para a sobrinha auxilia a construção de uma nova família, repleta de filhos, felicidade e amor. Verificamos que essa herança também sugere a continuação das transformações buscadas pela tia; ela representa o nascimento de um novo Quebec à procura de reconhecer e valorizar suas especificidades, ter suas próprias experiências e desenvolver suas estruturas culturais – apoiado nas características francófonas que o quebequense fez questão de manter.

A personagem Élise, observada a partir das transformações encontradas na Revolução Tranquila, torna-se uma figura representativa dos anseios do quebequense ao buscar libertar-se das prisões sociais e de seus próprios medos. Ela quer recriar um mundo novo retrabalhando seus traços culturais, deixando transparecer a sua verdadeira identidade, pois, conforme SÉGUIN (1993), a cultura é a matriz da identidade. Suas atitudes e suas vontades revelam o interesse do Quebec por desembaraçar-se dos anos de repressão social, cultural, política e religiosa silenciosas, além de levantar a questão da busca por descobrir-se diferente, possuidor de características diversas daquelas encontradas no espaço canadense de língua inglesa. Ao querer livrar-se das amarras e dos costumes que a guiaram por tanto tempo, vemos Élise como uma personagem que antecipa o declínio da igreja frente à população e a liberação social que ocorrerão com a revolução em 1960.

3.2 A ressemantização do mito de Don Juan em Jacques Ferron como evidenciadora da busca da identidade do quebequense

Neste capítulo analisaremos o mito de Don Juan trabalhado por Jacques Ferron e inserido em um contexto diferente do europeu, ambiente inicial de desenvolvimento dessa figura. Buscamos identificar a personagem em Ferron como denunciadora do aprisionamento imposto pelo clero ainda na década de 50, período anterior à Revolução Tranquila, visando, ainda, observar sua transformação e sua busca dentro desse novo espaço de desenvolvimento no qual se encontra como pontos reveladores das características quebequenses da época.

Escrita no ano de 1957, a peça *Le Don Juan chrétien*, de Jacques Ferron, desloca o mito da sedução de seu espaço de surgimento – o europeu –, inserindo-o em um novo contexto cultural: o quebequense. Essa peça é dividida em dois atos, sendo que cada um é antecedido por uma *parade*²⁹ diante das cortinas, e nela encontramos seis personagens: o Senador, madame Salvarson (esposa do senador), Martine (criada), Jérôme (criado), o Reverendo e Don Juan. Inicialmente o sedutor passa pelo palco demonstrando estar em fuga; logo após aparece o reverendo, já cansado de tanto correr, e encontra o senador que passa pelo local andando em seu cavalo. Identificamos nessa *parade* inicial o motivo da fuga do sedutor: sua mobilidade é causada pelo desejo de livrar-se do reverendo que o procura e do compromisso que tinha assumido com a igreja – o de representar o Don Juan de Molière em uma apresentação teatral dentro da paróquia. Seu deslocamento inicial não é consequência

²⁹ Pequena apresentação feita na porta de um teatro convidando o público a entrar. Na peça de Ferron essas *parades* são desenvolvidas no palco, antes do início de cada ato.

de suas seduções, como ocorre no mito europeu; aqui observamos sua tentativa de distanciar-se do clero para percorrer um caminho que satisfaça seus próprios desejos e lhe possibilite se desenvolver de acordo com suas características. Ele sabe que se seguir o que a igreja quer, não poderá satisfazer seus desejos, pois atuará somente nos palcos, onde a realidade não existe, conforme diz o Reverendo: “Le théâtre n’est pas la réalité” (p. 160). Ficar resumido aos palcos não possibilitaria a ele descobrir suas particularidades e viver livre, pois não estaria sendo ele mesmo. Além disso, vemos que a igreja busca mostrar-se moderna ao apresentar a peça de Don Juan, mas por trás disso há a intenção de passar uma moral à população e seguir a tradição literária europeia, considerada uma boa tradição, como nos indica o trecho a seguir:

Le curé

Sénateur, il faut être moderne! D’ailleurs vous pensez bien que le Don Juan se brûle à son jeu et que Dieu l’achève en le foudroyant. Une pièce très morale et qui se joue dans les paroisses depuis des siècles. Moderne, mais de bonne tradition. (p. 160)

Essa modernidade da qual fala o reverendo esconde a submissão procurada pelo clero, pois vemos que seu objetivo é apresentar o percurso do sedutor como elemento de subversão ao que é pregado pela igreja. Ainda, essa “boa tradição” apontada pelo Reverendo significa para nós a preferência pelo tipo de teatro que era representado no Quebec e defendido como modelo cultural pela igreja católica, privilegiando os clássicos franceses ao invés de valorizar a produção de escritores quebequenses. Isso era praticado com o intuito de manter a população desinformada e desinteressada pelo que se produzia na província. Tudo o que era do domínio das artes e da literatura era vigiado pelo clero (BIRON et al, 2010), e embora um teatro nacional começasse a ganhar espaço com a criação de um repertório diferente dos clássicos (o que se observou principalmente entre 1945 e 1960), havia ainda a tentativa de controlar o que se produzia no Quebec por meio da estagnação

educacional e cultural do quebequense. No momento em que o Reverendo aparece em busca de Don Juan para que ele retorne a seu lugar de origem – o teatro –, identificamos o desejo da igreja católica em manter os padrões clássicos da época para permanecer com sua autoridade sobre a população. Há a tentativa, por parte do clero, de impedir que Don Juan se desenvolva diferentemente da figura europeia, não sendo levado em conta o novo ambiente no qual ele é inserido, nem mesmo suas características próprias. Esse impedimento da transformação do mito no Quebec nos apresenta, além da dificuldade que a literatura local encontra na época para afirmar-se como uma produção particular de um povo, a dificuldade que o quebequense encontra para desenvolver suas especificidades.

Observando o mito da sedução nesse novo espaço de desenvolvimento, podemos identificar nele características iniciais da figura europeia – como a inconstância –; porém a quebequense carrega diferenças marcantes em relação àquelas primeiras figuras, encontradas em Tirso de Molina, Molière e Lorenzo da Ponte³⁰. O novo contexto apresenta Don Juan como um ser que fala de amor e demonstra possuir esse sentimento, algo não encontrado nas primeiras aparições literárias do sedutor. Mesmo que seu amor não seja voltado para uma mulher, esse sentimento está presente na personagem apresentada por Jacques Ferron, pois ela revela que ama as flores e os jardins, como observamos no trecho a seguir, o que identifica sua transformação em relação ao mito inicial:

Don Juan
Allons au jardin. J'aime les fleurs et les jardiniers. Les fleurs
évoquent l'amour, et les jardiniers, je l'ai souvent remarqué,
ont les plus beaux enfants du monde. (p. 199)

³⁰ Esses três autores escreveram, respectivamente, *El burlador de Sevilla* (1630), *Don Juan ou le festin de Pierre* (1665) e *Don Giovanni* (1787).

Além disso, esse mito universal da sedução acaba por ser ressemantizado dentro da obra *Le Don Juan chrétien* ao ser incluído em um novo contexto social, político e cultural. Ele passa a ser um reflexo do ambiente quebequense no momento em que demonstra seu desejo de livrar-se das amarras da igreja para ser livre e desenvolver seus pensamentos e seus desejos. O clero não permite que o Don Juan do Quebec seja diferente do europeu; ele deve ser uma cópia dos clássicos, não podendo se portar de outra maneira. Essas barreiras que a personagem encontra dentro da peça aqui analisada têm relação com a dificuldade encontrada pelo setor artístico no período anterior à Revolução Tranquila, quando a literatura buscava encontrar espaço para se desenvolver e para melhor expressar as particularidades do Quebec. Entendemos que Jacques Ferron busca, por meio de sua personagem, criar uma mitologia própria da sua terra, apresentando, ao mesmo tempo, a atualidade religiosa do local, que vai de encontro a esse objetivo do autor e ao de todo um grupo literário. A transformação que observamos no Don Juan quebequense está relacionada com os sentimentos que se faziam presentes na sociedade quebequense pré-revolucionária. O autor conseguiu trabalhar em sua personagem o desejo de mudança e, ao mesmo tempo, reescrever um mito mundial no intuito de reforçar a identidade quebequense que se buscava no período. Para nós, essa reelaboração do sedutor procura negar os dogmas da igreja – ainda em vigor e respaldados pela política dos anos 50 no Quebec – enquanto que sua fuga dentro da peça, diferentemente do mito inicial, onde Don Juan foge devido às consequências desastrosas de suas seduições, representa o distanciamento desejado pela população quebequense em relação ao sistema religioso repressor voltado a um passado autoritário, que mantinha o Quebec em um congelamento social, político e artístico. A igreja pretendia permanecer com seu poder sobre a população, mas com o tempo passou a perder forças diante do desejo de liberação que tomava conta do Quebec naquele momento.

Encontramos, na peça analisada, uma postura contrária aos dogmas religiosos, pois o sedutor é uma personagem que transgride a filosofia católica. Donald Smith comenta, em seu trabalho denominado *Les idées sociales dans l'oeuvre de Jacques*

Ferron (1979), que a obra de Ferron apresenta personagens da história social, política e religiosa do Quebec. Para nós, Don Juan possui um pouco de todas essas personagens ao ser inserido dentro do contexto quebequense – e portanto americano – e ao desenvolver características que o identificam como enunciador das transformações do Quebec dos anos 60. A peça aqui analisada levanta questões sociais pertinentes à população quebequense e demonstra que a obra de Ferron ultrapassa os limites do Quebec, apresentando a visão de mundo do autor. Ainda conforme SMITH (1979, p. 2):

L'oeuvre littéraire de Jacques Ferron, sous les apparences de l'imaginaire la plus libre, manifeste une perception fort intéressante de la société. Jacques Ferron se définit comme Québécois et c'est surtout à travers une problématique québécoise ou canadienne-française qu'il exprime ses idées et qu'il perçoit le monde (...)

Jacques Ferron trabalha com um mito universal em sua obra, transformando-o devido ao contexto da província e relacionando-o à questão da identidade nacional do Quebec. O que o faz valer-se dessa figura europeia é justamente a ideia de recriá-la a partir das características quebequenses, além de demonstrar a literatura da província em busca de produzir algo novo, diferente dos clássicos franceses mais valorizados na época. Como podemos ver na peça, Martine pede a Jérôme que se pareça a Don Juan:

Martine
Restez le même, mais laissez-vous pousser des moustaches.

Jérôme
Des moustaches comme à Don Juan ?

Martine
Oui, très exactement, sans un poil de plus, sans un poil de moins. (p. 185)

Essa personagem deseja que Jérôme se torne Don Juan por ser essa a única figura de sedução na qual ela pode se basear; ele corresponde ao único arquétipo da sedução que ela conhece – isso devido ao fato do quebequense não encontrar uma representação própria para tal mito; ao mesmo tempo ela solicita que ele permaneça o mesmo, se pareça somente fisicamente ao sedutor – por meio da utilização do bigode –, mas mantenha suas características próprias. Essa solicitação revela o fenômeno próprio das Américas de reapropriação dos mitos europeus e sua reelaboração e adequação ao novo contexto em que se encontram. Conforme observa Zilá Bernd, na introdução do *Dicionário de Figuras e Mitos Literários das Américas*³¹ (2007, p. 18), “é preciso destacar que os mitos americanos, bem como a migração dos mitos europeus e suas transformações no contexto das Américas, constituem-se em respostas eficazes às situações de dominação e representam um esforço de busca e afirmação de identidades”. A autora comenta ainda que esse dicionário assinala a recorrência das figuras-chave que marcaram importantes momentos nos processos de construção identitária. Sendo assim, observamos em Martine a negação ao sedutor do passado; ela não quer fazer renascer o mito europeu, e sim um ser novo que tenha atributos próprios, o pensamento e a maneira de viver particulares. Verificamos a figura de Don Juan em um processo de transformação quando Jérôme se apresenta a Martine:

Jérôme

Voilà, Mademoiselle, une version nouvelle et fort originale.

³¹ O *Dicionário de Figuras e Mitos Literários das Américas* (DMFLA) contou com a colaboração de 77 pesquisadores de universidades brasileiras e estrangeiras que produziram os 110 verbetes que constituem o dicionário.

Martine

Tout change par les temps qui courent. Le monde se refait.
 Au vieux Don Juan un nouveau succède : c'est mon mari.
 (p. 215)

Por meio da personagem Martine, Jacques Ferron demonstra não querer tomar o mito europeu e incluí-lo na literatura quebequense; ele utiliza essa figura inicial para demonstrar a transformação da mesma ao ser inserida em um novo espaço social de desenvolvimento, no qual já há uma conscientização das mulheres, o que auxilia ainda mais as mudanças do mito. Observamos que essa apropriação da figura da sedução resulta em uma transculturação, onde a cultura do Quebec, a partir da renovação de um mito, será retrabalhada e passará a se questionar sobre sua posição em relação aos clássicos da literatura antes tomados como padrão.

Além de levantar a questão do poder e do constrangimento exercidos pelo clero, a obra aponta – a partir da personagem Martine – para uma nova condição feminina no contexto quebequense. Ainda que verifiquemos traços que demonstrem a desvalorização feminina na sociedade – como na seguinte fala do senador: “Quelle différence? Moi, c'est très simple, femme et cavale me donnent la même impression. Je les juge à la démarche, aux formes mouvantes, à l'harmonie qui se déplace...” (p. 186) –, vemos que a mulher passa a ter poder sobre o homem, fazendo-o agir de acordo com suas vontades, como encontramos no seguinte trecho: “Jérôme, mon ami, comme vous avez de bon caractère! Vous vous adaptez à ma main comme un gant” (p. 186). Identificamos aqui que o escritor Jacques Ferron apresenta uma figura feminina que se mostra com força para dominar o homem, o que nos indica as transformações sociais que estavam ocorrendo no Quebec. Martine se apresenta como uma mulher em busca de um verdadeiro sentimento dentro da relação amorosa, por isso não se deixa envolver e não tolera os artifícios do sedutor: “Je suis sans pitié pour l'artifice” (p. 202). Verificamos, a partir dessa personagem, que o ser feminino

ganha voz na obra de Jacques Ferron e representa a modernidade do Quebec, por meio de uma nova geração, como demonstra o próprio Don Juan: “Vous êtes de la nouvelle génération. Je ne peux pas vous demander de m’aimer. Accordez-moi un peu de pitié” (p. 203). Martine é jovem e representa uma mulher de consciência renovada, buscando o seu espaço de valorização. Ao analisarmos o diálogo entre ela e o sedutor, observamos que há um confronto entre homem e mulher e a transformação da posição de subordinação do ser feminino – da relação do possuidor (homem) versus possuído (mulher). Nesse momento percebemos a figura feminina fortificada, pois Martine passa a desenvolver o papel de “consciência” do sedutor - papel esse sempre representado por homens nas aparições europeias do mito. Segundo MERCIER (2007), a obra de Ferron apresenta um ponto de ruptura entre a condição passada e a condição presente das mulheres. Ainda, o autor comenta que Don Juan tem grande pertencimento à realidade social quebequense, o que o torna um meio de representar e problematizar a questão da afirmação da identidade coletiva no Quebec.

Essa aparição da figura da sedução no norte da América permanece com o objetivo de trabalhar a questão da condição feminina; porém, observamos uma mudança no tratamento dessa questão devido à transformação que ocorre no Quebec com a Revolução Tranquila, tendo como resultado a reorganização do espaço feminino a partir de então. Em um diálogo com Martine, o sedutor se apresenta como aquele que se voltou à condição feminina e buscou entendê-la até aquele momento, como podemos observar no trecho a seguir:

Martine

Vos artifices ne sont rien à côté de votre cruauté. Des milliers de femmes vous ont aimé, que vous avez dédaignées.

Don Juan

Elles étaient malheureuses, elles reportaient sur moi leurs amours déçues.

Martine

Pourquoi les avez-vous dédaignées ?

Don Juan
Parce que l'amour les avait déjà dédaignées.

Martine
Elles étaient folles de vous.

Don Juan
On les avait élevées pour être folles. Vous exagérez mon influence, ma petite Martine. Pourquoi m'accusez-vous ?

Martine
Je ne vous accuse plus si vous le prenez sur ce ton.

Don Juan
Vous l'avez dit : je ne suis qu'un mythe, un mythe dont la présence dans l'histoire servira à comprendre la condition des femmes jusqu'à cette génération. (p. 202)

Verificamos que na época anterior à revolução de 1960, o espaço feminino está em transformação, e a figura do sedutor, a partir das mudanças que já se observavam, recebe características que o adequam às modificações da consciência feminina. Há uma busca por valorização por parte das mulheres, o que não permite que esse sedutor, estando no contexto quebequense, se desenvolva como o mito inicial. O Don Juan de Jacques Ferron, segundo GODIN ET MAILHOT (1988, p. 224), “est moins absurde que tout bonnement ridicule, maquignon qui s'ignore, chevalin plutôt que chevaleresque, aussi médiocre comédien qu'amant, destiné seulement à jouer Molière, au profit des bonnes oeuvres, dans les salles paroissiales”. Ele não é como o mito europeu, e chega a parecer um ser puro e sem poderes para Martine, conforme vemos no trecho a seguir: “Le sceau de Don Juan: un baiser sans conséquence! Au fond vous êtes un dur, un chaste, peut-être un impuissant (...) (p. 203).

Encontramos nessa figura da sedução um dos temas principais e mais perturbadores desenvolvidos por Jacques Ferron: a loucura (BIRON et al., 2010). Ao encontrar o cavalo do senador, o sedutor demonstra ter achado sua cara-metade, a satisfação para seu “apetite” descomunal:

Don Juan

Nous avons gravi les marches triomphales de l’escalier de gloire. Vous tous qui êtes ici, vous assistez à l’apothéose de Don Juan. Parvenu sur cette scène, je continue dans la légende. J’ai trouvé la voie de mon salut : j’étais un maquignon qui s’ignorait. Voilà pourquoi passant d’une femme à l’autre je restais sur mon appétit. (p. 226)

Esse aspecto revela claramente a ressemantização do mito da sedução no espaço quebequense. Nesse novo ambiente no qual se encontra, ele precisa de algo que ultrapasse o campo humano para obter prazer, tornando-se um ser que habita um mundo à parte, diferente, por exemplo, do mundo do sedutor de Molière – o qual se movimentava com um objetivo específico: aumentar sua lista de conquistas. Na peça *Le Don Juan chrétien*, o sedutor não está atrás de ampliar o seu número de conquistas, mas sim de fugir do aprisionamento religioso e de encontrar a satisfação para seus desejos. Portanto, podemos dizer que essa figura resulta em um herói para Jacques Ferron, pois ao diferenciar-se do mito clássico da sedução ela representa a renovação do mesmo no espaço literário do Quebec; ela faz parte da busca inicial por uma mitologia e por uma literatura propriamente quebequenses.

Se no contexto quebequense o sedutor vive em busca de novas conquistas, é por não entender ainda sua própria natureza; é por estar procurando algo que lhe seja particular e o complete. Ao encontrar um “amor” que se compara a seu desejo, ele se vê diferente de todos os outros homens. Observamos essa atitude de Don Juan como um

encontro com suas especificidades, momento no qual identificamos que ele reforça suas diferenças em relação ao mito europeu:

Don Juan
J'avais besoin d'un amour qui ne fût pas humain ; j'avais besoin de dépasser ma nature. Je l'ai dépassé : je suis dieu.

Martine
Belle réussite : vous n'avez jamais été un homme.

(...)

Martine
Vive le dieu des chevaux !

(...)

Don Juan
Dans le lointain de la légende, avec les satyres, les nymphes, les tritons, je vivrai éternellement. (p. 226)

Quem impede Don Juan de continuar seu caminho à procura de descobrimento próprio é o reverendo, que surge para levá-lo à encenação na cidade. Mesmo no final da obra a força da igreja continua presente, pois é ela que faz o sedutor retornar aos palcos usando de seu poder político-financeiro para alcançar seus objetivos, seja solicitando ajuda política ao senador, seja cobrando de Don Juan o dinheiro gasto para trazê-lo até a cidade. Essa “vitória” do clero demonstra a força diante da população que a Igreja ainda possuía no final dos anos 50 e sua influência sobre o sistema político. Don Juan obedeceu as ordens do reverendo e retornou a seu lugar – o teatro –, mas abriu espaço para o surgimento de um novo sedutor, com suas características transformadas pelo espaço quebequense. Verificamos nas falas de Jérôme e Martine uma apresentação dessa figura. Enquanto ele diz ter se transformado em uma versão revista, corrigida, purificada

e cristã do sedutor original, ela diz que esse novo sedutor vale mais que o Don Juan antigo, ou seja, tanto ele quanto ela foram transculturados em relação ao mito inicial, incluindo nele características culturais do Quebec, trabalhando com a formação de uma identidade particular e com a valorização dos aspectos que evidenciam as especificidades do quebequense.

CONCLUSÃO

A presente dissertação teve como objetivo identificar, nas peças *Tante Élise ou le prix de l'amour* e *Le Don Juan chrétien*, a antecipação dos sentimentos que vieram a ganhar força na Revolução Tranquila em 1960. Verificamos, no capítulo destinado à análise da primeira peça, a tentativa do dramaturgo quebequense de mudar seu pensamento e praticar ações diferentes das quais estava acostumado, no intuito de encontrar características que o particularizassem no âmbito de sua própria província, o Quebec, e também do Canadá. A transformação que observamos em relação ao pensamento feminino – com a identificação dos anseios das mulheres e a verificação da desigualdade sexual existente no Quebec – nos fez notar o enfraquecimento do patriarcalismo e do poder que a igreja possuía, possibilitando às mulheres – e à população em geral – maior desenvolvimento educacional e a consequente mudança política e cultural. No capítulo voltado ao trabalho com a peça que traz o mito da sedução, encontramos a busca por libertação das amarras religiosas e das características antigas e repressoras que predominavam no Quebec. Nela a mulher também ganha espaço, pois apresenta poder sobre o homem e trabalha no sentido de ressemantizar as figuras tipicamente europeias no contexto quebequense.

Assim como as personagens de Ferron, a sociedade estava aprisionada por preceitos antigos que impossibilitavam a observação do espaço próprio do quebequense e o avanço de suas particularidades. A ruptura que encontramos nelas tem a mesma característica da Revolução Tranquila: ela foi repentina e causou grandes transformações, sendo gerada por sentimentos reprimidos durante muito tempo. As figuras apresentadas nas duas peças mostram seus desejos, suas especificidades, sua riqueza cultural e a diversidade adquirida com o passar dos anos – pontos que vão ao encontro da valorização da identidade da população do Quebec,

que só a partir destes acontecimentos assumirá plenamente a consciência de pertença e a reivindicação do Quebec como “société distincte”. Essa busca auxiliará o desenvolvimento de um novo ambiente cultural, e Jacques Ferron tem grande importância nessa transformação, pois suas obras, apresentando a sociedade com muito humor e sátira, revelam o desejo de mudança. Seu estilo original e a força para denunciar as desigualdades na província nos apresentam as experiências do médico e do escritor durante suas viagens pelo “país incerto”, um país em formação que procura se descobrir e evoluir, da mesma maneira que ele vai se transformando em sua produção literária. O autor que aqui analisamos consegue dar espaço à figura feminina em seus textos e caracterizar o povo quebequense em meio a tantas incertezas, procurando direcionar suas forças e representá-lo como sujeito de uma rearticulação para que o Quebec se apresente ao mundo como nação. Vemos que o teatro produzido por ele passa a ser uma importante ferramenta de representação da população em suas particularidades e em seus anseios, e é por meio dessa arte que o escritor representará as características sociais e observará os aspectos de sua época, desenvolvendo-a no intuito de dar um novo rumo à população na caminhada em direção ao seu próprio descobrimento, como assinalam GAUVIN & MIRON (1998, p. 176):

Observateur averti des mœurs de son époque, côté village et petites gens de préférence, hanté par le thème de la folie (...) le romancier est un conspirateur inquiet, attentif aux grands rituels sociaux et préoccupé du destin des Québécois tout en demeurant convaincu que “la vie passe derrière les apparences” et qu’il “suffit de l’entendre”.

Por meio da análise de textos teóricos, foi possível assinalar que a Revolução Tranquila possibilitou à sociedade quebequense descobrir-se, ou melhor, fez com que ela se desvencilhasse dos laços sociais, políticos e culturais que a prenderam por

tantos anos, voltando-se para aspectos que a diferenciasssem do que havia sido imposto como algo próprio do Quebec. Ela abriu espaço às particularidades da população, ao seu desenvolvimento e à busca por sua afirmação cultural, deixando de lado os preceitos religiosos que anteriormente designavam suas características. Como o próprio nome já diz, essa revolução foi tranquila, praticamente sem conflitos de maior monta, e passou a evidenciar a conscientização dos quebequenses em relação a sua própria identidade – tão fortificada socialmente com o passar do tempo –, além de evidenciar a evolução social, cultural e política do Quebec. É essa conscientização que observamos nas peças de Jacques Ferron; elas prenunciavam a transformação da literatura franco-canadense, passando a valorizar o imaginário literário quebequense. Por meio de seu teatro verificamos a representação dos desejos, dos sonhos e da importância do sentimento de identidade da população do Quebec, sendo esses aspectos trabalhados na busca por uma voz dita *québécoise*, como observamos na introdução da Antologia *Vozes do Quebec* (1991), dos organizadores Zilá Bernd et Joseph Melançon:

A província tornou-se uma espécie de nação e a literatura canadense francesa fez-se quebequense. Novas vozes surgiram para dizer de outra forma o imaginário literário do Quebec. São diversos os temas que irão expressar imaginários proteiformes. Thériault, pai e filho, Miron, Ferron, Roy, Hébert, Berthiaume, Dumoulin-Tessier, homens e mulheres de letras, contam sem restrições nem preconceitos, seus sonhos, suas angústias e seus amores. Esta voz quebequense, laica e liberada, cultiva sua língua, seu sotaque, sua sintaxe, sua forma e sua morfologia. Ela quer, antes de tudo, exprimir sua autenticidade norteamericana de expressão francesa, que fundará talvez uma literatura nacional, como a do Brasil, da Argentina ou das Antilhas. (p. 11-12)

Como discutimos anteriormente, as peças aqui estudadas antecedem as ideias que surgirão com a Revolução Tranquila, e essa antevisão encontrada em Jacques

Ferron nos possibilita classificar essas obras como prenunciadoras da libertação das amarras que aprisionavam o Quebec. A partir das características analisadas nas peças, vemos que elas já buscavam uma afirmação do Canadá francês, o desenvolvimento de suas particularidades e a valorização de suas raízes. Além disso, elas apresentam questões que destacam a importância da literatura produzida na província, pois ela passou a lutar por sua autonomia e por se apresentar como literatura com identidade própria, ou seja, passou a assumir-se como quebequense e não mais como um desdobramento da literatura francesa. Com a chegada dos anos 60, o teatro e outras práticas artísticas denunciaram seu estatuto canadense-francês afirmando-se quebequenses. Segundo Chantal Hébert (1999, p. 362),

Os anos sessenta constituem uma transição importante entre um passadismo canadense francês, a descoberta de uma consciência coletiva colonizada (após a Conquista de 1760, os quebequenses sofreram muito por sua inferioridade) e a emergência de uma nova mentalidade, inscrevendo-se em um vasto movimento de emancipação, modernização e liberalização.

Observamos nas peças de Jacques Ferron as características apresentadas no trecho acima. Ainda encontramos nelas aquilo que desencadeou a Revolução Tranquila: a falta de liberdade, a impossibilidade da população se desenvolver devido à repressão e a submissão aos valores religiosos da época – valores que se sobressaíam perante a sociedade. Identificamos nas personagens principais o aprisionamento de seus sentimentos e a dificuldade de se desenvolverem por completo. As peças *Tante Élise ou le prix de l'amour* e *Le Don Juan chrétien* ampliam a importância da produção de Jacques Ferron, nos antecipando questões que serão trabalhadas em obras de outros escritores, produzidas nos anos que se seguiram à Revolução Tranquila. Entre essas questões estão: a tomada de consciência da

população quebequense, observada na conscientização da personagem Élise; o encontro da sociedade com suas particularidades, verificado no desejo de Don Juan por descobrir-se; a libertação do imaginário quebequense, com o desejo pessoal de liberação da velha senhora perante os costumes antigos e o desvencilhamento do sedutor em relação aos preceitos clássicos que o guiavam. Não podemos deixar de observar que Jacques Ferron busca, por meio do humor de suas peças, evidenciar questões sociais do Quebec. A sátira e o absurdo encontrados nas personagens Tante Élise e Don Juan trabalham como linguagem de denúncia e reivindicação social. Isso nos possibilita observar o humor, o riso, a comédia teatral, como formas de resistência que ganham importante espaço na história do Quebec e na obra desse autor.

As peças de Jacques Ferron nos abrem caminho para compreendermos o que antecedeu a revolução; portanto, elas podem ser consideradas anunciadoras dos anseios sociais presentes nos anos 50, já que apresentam personagens em trânsito para a busca de liberdade de ação e de pensamento, procurando realizar seus desejos antes contidos pela igreja católica, que possuía forte poder político e grande controle social. Essa visão da sociedade, desenvolvida pelo escritor, não deixa passar em branco os ânimos do período que antecedeu a revolução, e acaba por representá-los por meio de suas personagens; por isso não podemos deixar de observar a importância dessas obras para a transformação do Quebec, pois elas abrem caminho para o surgimento de uma literatura dita quebequense, para a representação de um povo em formação (e em transformação) à procura da valorização de suas especificidades.

A busca por liberdade e a diferença cultural apresentadas pela província em relação ao resto do Canadá possibilitaram à população quebequense desenvolver suas características regionais e visualizar novos horizontes culturais que pudessem representá-los – demonstrando suas diferenças em relação aos anglófonos – e auxiliá-los na busca por uma identidade própria. Conforme SOUZA, “a Revolução Tranquila foi assim uma tomada de consciência dos canadenses-franceses de que podiam buscar novos horizontes já que não mais sofriam ameaça alguma na preservação integral de

seu rico patrimônio cultural e modo de ser coletivo franco-canadense” (2000, p. 205). Ainda conforme o referido autor, essa tomada de consciência pelo encontro de novos horizontes esteve aliada também ao espírito de liberação dos costumes nos anos sessenta, vindo a influenciar inclusive a ordem religiosa no Quebec.

Para nós, Jacques Ferron produz suas peças no intuito de quebrar as barreiras sociais e religiosas alavancadas por um sistema político e religioso de características opressoras. Ele procura trazer à tona questões contundentes para a sua época, como o papel e o espaço feminino na sociedade e a valorização de uma produção literária própria da província, além de trabalhar a aceitação das particularidades do Quebec. Ele quer, com essas peças, dar voz à população e apresentar a possibilidade dela realizar seus desejos, rompendo as amarras que aprisionavam as singularidades quebequenses, dando assim os primeiros passos para a afirmação de uma sociedade que passou a reivindicar-se como “société distincte”.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Sandra Regina Goulart. Entre a escrita e o espaço: paisagens femininas canadenses. In.: PORTO, Maria Bernadette (org.). *Fronteiras, passagens, paisagens na literatura canadense*. Niterói: EdUFF/ABECAN, 2000.

ANDRÈS, Bernard. Théâtre et expérimentation au Québec : évolution d'une pratique. In. : *Le Français : l'enseignement et la recherche*. (Anais do X Congresso Nacional de Professores de Francês). Associação Brasileira dos Professores de Francês: Universidade Federal de Santa Catarina, 1991. p. 19 – 26.

_____ & BERND, Zilá. *L'identitaire et le littéraire dans les Amériques*. Montréal : Éditions Nota bene, 1999.

_____ ; GADBOIS, Vital & LE GOFF, Claude. *Héritage francophone en Amérique du Nord*. Actes du Colloque de Vancouver en juin 1983. Montréal : Québec français, 1984.

AUDET, Noël. *Écrire de la fiction au Québec*. Montréal : Éditions Québec/Amérique, 1990.

BAILLARGEON, Jean-Paul (org.) *Les pratiques culturelles des québécois : une autre image de nous mêmes*. Québec : IQRC, 1986.

BERND, Zilá (org.). *Dicionário de Figuras e Mitos Literários das Américas (DMFLA)*. Porto Alegre: Tomo Editorial / Editora da Universidade (UFRGS), 2007.

_____. *Littérature brésilienne et identité nationale. Dispositifs d'exclusion de l'Autre*. Paris : L'Harmattan, 1995.

_____. Os estudos francófonos no Brasil: um breve histórico. In.: BÉLANGER, Alain; HANCIAU, Nubia; DION, Sylvie (orgs.). *A América francesa: introdução à cultura quebequense*. Rio Grande: Editora da FURG, 1999, p. 17-23.

_____. *Literatura e identidade nacional*. 2. Ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003. (1. ed. 1992)

_____. Americanidade e americanização. In: FIGUEIREDO, Eurídice. (org.). *Conceitos de literatura e cultura*. Juiz de Fora: EDUFF; Editora da UFJF, 2005, p. 13-34.

_____ & MELANÇON, Joseph (orgs.). *Vozes do Quebec (Antologia)*. Traduzido do francês por Herbert Holler, Laudeci L. S. Fernandes, Moacyr Gomes Júnior e Normélia Parise. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1991.

BEAUDOIN, Réjean. *Naissance d'une littérature*. Quebec : Boréal, 1989.

BÉLANGER, Alain; HANCIAU, Nubia; DION, Sylvie (orgs.). *A América francesa: introdução à cultura quebequense*. Rio Grande: Editora da FURG, 1999.

BIRON, Michel; DUMONT, François; NARDOUT-LAFARGE, Élisabeth. *Histoire de la littérature québécoise*. Québec: Boréal, 2010.

BOUCHARD, Jean-François. *Le Québec, laboratoire de la modernité?* Publicado em 16 de outubro de 2011. In. : <http://www.baptises.fr/?p=4141> , consultado em 15 de dezembro de 2011.

BOUCHER, Jean-Pierre. Jacques Ferron. In.: GALLAYS, François; SIMARD, Sylvain & VIGNEAULT, Robert. *Le Roman contemporain au Québec (1960 – 1985)*. Archives des lettres canadiennes – Tome VIII. Québec: Fides, 1992. (pp. 249 – 251)

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. 8 ed. São Paulo: T. A. Queiroz; Publifolha, 2000.

DESBIENS, Jean-Paul, *Les insolences du Frère Untel*. Montréal : Les éditions de l'Homme, 1960.

DION, Léon. *Québec 1945-2000*. Tome II : Les intellectuels et le temps de Duplessis. Québec: Presses de l'Université Laval, 1993.

_____. *La révolution déroutée 1960-1976*. Montréal: Les Éditions du Boréal, 1998.

DIONNE, René. De la littérature française à la littérature québécoise. In.: DIONNE, René (dir.). *Le québécois et sa littérature*. Québec: A.C.C.T. / Éditions Naaman, 1984.

DORION, Gilles & VOISIN, Marcel. *Littérature québécoise : voix d'un peuple, voies d'une autonomie*. Bruxelles : Éditions de l'Université de Bruxelles, 1985.

DUCHET, Claude & VACHON, Stéphane. *La recherche littéraire : objets et méthode*. Montréal : XYZ éditeur, 1993.

DUMONT, Fernand. *Le sort de la culture*. Montréal: L'Hexagone, 1987 (Positions philosophiques).

_____. *Le lieu de l'homme. La culture comme distance et mémoire*. Montréal : Éditions HMH, 1968.

FERRON, Jacques. *Théâtre I. Les Grands Soleils ; Tante Élise ; Le Don Juan chrétien*. Montréal : Librairie Déom, 1969

GADBOIS, Vital. L'héritage littéraire québécois. Propositions didactiques. In.: ANDRÈS, Bernard; GADBOIS, Vital & LE GOFF, Claude. *Héritage francophone en Amérique du Nord*. Actes du colloque de Vancouver en juin 1983. Québec: Québec français, 1984.

GAGNON, Claude-Marie. La censure au Québec. In. : *Voix et Images*. vol. IX, n° 1. Montréal, Université du Québec à Montréal, 1983. p. 103 – 117.

GAUVIN, Lise. L'écrivain et la langue. In.: *EUROPE*, n° 731. Paris, Centre National de Lettres, 1990.

_____ & MIRON, Gaston. *Écrivains contemporains du Québec*. Anthologie. Montréal : L'Hexagone/Typo, 1998.

_____ & MAILHOT, Laurent. *Guide culturel du Québec*. Montréal : Boréal Express, 1982.

GODIN, Jean-Cléo & MAILHOT, Laurent. *Théâtre québécois I. Introduction à dix dramaturges contemporains*. Montréal : Bibliothèque québécoise, 1988.

HAMEL, Réginald. *Panorama de la littérature québécoise contemporaine*. Montréal : Guérin, 1997.

HÉBERT, Chantal. O teatro no Quebec em sintonia com uma sociedade em mutação. In.: BÉLANGER, Alain; HANCIAU, Nubia & DION, Sylvie. *A América francesa: introdução à cultura quebequense*. Rio Grande: editora da FURG, 1999.

Interfaces Brasil/Canadá. Associação Brasileira de Estudos Canadenses. v. 1, n. 1
Porto Alegre: UFRGS/ABECAN, 2001.

JONES, Richard. Do regime inglês aos dias de hoje. In.: BÉLANGER, Alain; HANCIAU, Nubia; DION, Sylvie (orgs.). *A América francesa: introdução à cultura quebequense*. Rio Grande: Editora da FURG, 1999.

LINTEAU, P-A; DUROCHER, R; ROBERT, J-C & RICARD, F. *Histoire Du Québec contemporain*. Tome II, Le Québec depuis 1930. Montreal : Borpeal, 1989.

Littérature nouvelle au Québec, edição de março de 1990 da revista *Europe*

LOPES, Cícero Galeno. *Literatura e poder: a contribuição da literatura de dissidência*. Porto Alegre, Editora da UFRGS, 2005.

LOURENÇO DE ABREU, Maria Eleonor. Uma revolução cultural no Quebec. In.: *Anais do 3º Congresso Internacional da Associação Brasileira de Estudos Canadenses: Laços de cooperação cultural Brasil – Canadá* / organizado por Denise Maria Gurgel Lavaillé – Salvador: Gráfica da UNEB, 1997.

MAINGUENEAU, Dominique. *Pragmatique pour le discours littéraire*. Paris : Bordas, 1990.

MARCOTTE, Gilles. *Littérature et circonstances*. Montréal: L'Exagone, 1989.

MCEWEN, Barbara. Théâtre. In. : *University of Toronto Quarterly : a canadian journal of the humanities*. v. 61, n° 1. Toronto: University of Toronto, 1991. p. 102 – 113.

MATHIEU, Jacques (org.). *La mémoire dans la culture*. Québec : Les Presses de l'Université Laval, 1995.

MERCIER, Andrée. Entre la parodie et l'imitation : le Don Juan de Jacques Ferron. In. : JAROSZ, Krzysztof. *La réécriture dans la littérature québécoise*. Romanica Silesiana, n° 2. Katowice : Wydawnictwo Uniwersytetu Slaskiego, 2007. (p. 32 – 41).

MICHAUD, Ginette. Jacques Ferron au regard de ses autres. Famille, nation, folie : une double version. In. : *Voix et Images*. vol. XVIII, n° 3 (54). Montréal, Université du Québec à Montréal, 1993. p. 507 – 536.

NAVARRO, Maisa. Représentations imaginaires des Amériques au Brésil et au Québec: un survol. In.: *Interfaces Brasil-Canadá*. N° 7. Rio Grande: FURG, 2007.

O'NEILL-KARCH, Mariel. Théâtre. In. : *University of Toronto Quarterly : a canadian journal of the humanities*. v. 64, n° 1. Toronto: University of Toronto, 1994. p. 106 – 119.

PAVIS, Patrice. Estudos teatrais. In. : ANGENOT, Mark; BESSIÈRE, Jean; FOKKEMA, Douwe & KUSHNER, Eva (orgs.). *Teoria literária : problemas e perspectivas*. Lisboa: Dom Quixote, 1995. (Tradução de Ana Luísa Faria e Miguel Serras Pereira)

PEREIRA, André Cesar. Percursos de Don Juan nas Américas. In.: *Língua e literatura*. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP, 2010. (p. 243 – 268)

RIOUX, Marcel. *La Question du Québec*. Montréal : Parti pris, 1978.

ROCHER, Guy. Le Québec en mutation. (1973) Texte disponible dans *Les Classiques des sciences sociales*. JMT.
http://classiques.uqac.ca/contemporains/rocher_guy/le_quebec_en_mutation/le_quebec_en_mutation.pdf

SÉGUIN, Normand. Quelques considérations pour l'étude du changement culturel dans la société québécoise. In. : BOUCHARD, Gérard & COURVILLE, Serge (dir.). *La construction d'une culture. Le Québec et l'Amérique française*. Sainte-Foy: Les Presses de l'Université Laval, 1993.

SIMON, Sherry; L'HÉRAULT, Pierre; SCHWARTZWALD, Robert & NOUSS, Alexis. *Fictions de l'identitaire au Québec*. Montréal: XYZ éditeur, 1991.

SMITH, Donald. *Les idées sociales dans l'oeuvre de Jacques Ferron*. Thèse présentée à l'École des Études supérieures de l'Université d'Ottawa pour l'obtention du Ph. D. En lettres françaises. Ottawa : Canada, 1979.

SOUZA, Remy de. A Revolução Tranquila. In.: *CANADART*. Revista do Núcleo de Estudos Canadenses da Universidade do Estado da Bahia. v. 8. Salvador: UNEB, 2000. (p. 203 – 206)

WYCZYNSKI, Paul; JULIEN, Bernard & BEAUCHAMP-RANK, Hélène. *Le théâtre canadien-français*. Archives des lettres canadiennes. Tome V. Montréal : Fides, 1976.

REFERÊNCIAS ONLINE

Assemblée Nacional do Quebec. <http://www.assnat.qc.ca/fr/index.html>

Carta da Educação do Quebec do ano de 1961.
[http://www.revolutiontranquille.gouv.qc.ca/index.php?id=104&tx_ttnews\[tt_news\]=141&cHash=e0c500a68828fddeacaa1fb25205c136](http://www.revolutiontranquille.gouv.qc.ca/index.php?id=104&tx_ttnews[tt_news]=141&cHash=e0c500a68828fddeacaa1fb25205c136)

Carta da língua francesa.

In.: http://www2.publicationsduquebec.gouv.qc.ca/dynamicSearch/telecharge.php?type=2&file=/C_11/C11.html

CEGEPS (Collège d'Enseignement Général et Professionnel).
<http://www.fedecegeps.qc.ca/>

Introdução à história do teatro. In.: <http://grandquebec.com/theatres-du-quebec/theatre-introduction/>

Jornal quebequense *Le Devoir*. <http://www.ledevoir.com/>

Enciclopédia Canadense sobre a vida e obra de Jacques Ferron.
<http://www.thecanadianencyclopedia.com/articles/jacques-ferron>

Le Théâtre du Rideau Vert. In. : <http://grandquebec.com/theatres-du-quebec/theatre-rideau-vert/>

Ministério da Educação do Quebec. <http://www.mels.gouv.qc.ca/>

Office national du film du Canada, relativo ao documentário “Le cabinet du docteur Ferron”, realizado por Jean-Daniel Lafond, em 2003. <http://www.onf-nfb.gc.ca/fra/collection/film/?id=51170>

Revista literária *Les écrits*, antigamente conhecida como *Les écrits du Canada*.
<http://www.lesecrits.ca/>

Texto integral da Carta da Língua Francesa.
http://www2.publicationsduquebec.gouv.qc.ca/dynamicSearch/telecharge.php?type=2&file=/C_11/C11.html

Vida e obra de Jacques Ferron. <http://www.ecrivain.net/ferron/>

JACQUES FERRON

<http://www.yorku.ca/yfile/archive/index.asp?Article=5833>